



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**  
**CURSO DE PEDAGOGIA**  
**TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO**

**JEIZA RODRIGUES DOS SANTOS**

**ENTRE LIVROS E TELAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NO 1º ANO DO  
FUNDAMENTAL**

**FORTALEZA**

**2025**

JEIZA RODRIGUES DOS SANTOS

ENTRE LIVROS E TELAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NO 1º ANO DO  
FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Pedagogia da  
Faculdade de Educação - FAGED da  
Universidade Federal do Ceará - UFC, como  
requisito parcial a obtenção do grau de  
Licenciamento em Pedagogia.  
Orientadora: Prof. Dra. Josefa Jackline Rabelo

FORTALEZA

2025

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação  
Universidade Federal do Ceará  
Sistema de Bibliotecas

Gerada automaticamente pelo módulo Catalog, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

---

D762e Dos Santos, Jeiza Rodrigues.  
ENTRE LIVROS E TELAS: : CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NO 1º ANO DO FUNDAMENTAL /  
Jeiza Rodrigues Dos Santos. – 2025.  
62 f. : il. color.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) – Universidade Federal do Ceará,  
Faculdade de Educação, Curso de Pedagogia  
, Fortaleza, 2025.

Orientação: Prof. Dr. Josefa Jackline Rabelo .

1. Leitura. 2. Tecnologia. I. Título.

CDD 370

---

JEIZA RODRIGUES DOS SANTOS

ENTRE LIVROS E TELAS: CONSIDERAÇÕES SOBRE OS DESAFIOS E  
POSSIBILIDADES PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NO 1º ANO DO  
FUNDAMENTAL

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao  
Curso de Graduação em Pedagogia da  
Faculdade de Educação - FAGED da  
Universidade Federal do Ceará - UFC, como  
requisito parcial a obtenção do grau de  
Licenciamento em Pedagogia.

Orientadora: Prof. Dra. Josefa Jackline Rabelo

Aprovada em: 25/02/2025

BANCA EXAMINADORA

---

Prof<sup>a</sup>.Dr<sup>a</sup>. Josefa Jackline Rabelo (Orientadora)  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof. Dr. Luís Távora Furtado Ribeiro  
Universidade Federal do Ceará (UFC)

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Francisca Maurilene do Carmo  
Universidade Estadual do Ceará (UFC)

Aos meus pais, Maria de Nazaré e José  
Arnaldo.

## **AGRADECIMENTOS**

Expresso minha profunda gratidão a todas as pessoas que contribuíram para a realização deste trabalho e para a minha trajetória acadêmica. Primeiramente, agradeço profundamente aos meus pais, pelo apoio incondicional, amor e incentivo em todos os momentos. Vocês sempre estiveram ao meu lado, oferecendo forças nos momentos mais desafiadores e celebrando minhas conquistas.

O carinho e dedicação de vocês são fundamentais para que eu chegasse até aqui. Vocês sempre acreditaram no meu potencial e me ensinaram, com seus exemplos, o valor do esforço, da perseverança e do conhecimento. Este trabalho também é fruto de tudo o que me proporcionaram ao longo da vida. Sou imensamente grata por tê-los sempre comigo.

Agradeço também ao meu namorado, que me proporcionou apoio emocional e motivacional ao longo dessa jornada. Seu companheirismo, paciência e compreensão foram essenciais para que eu pudesse focar e avançar em minha pesquisa.

Por fim, gostaria de agradecer imensamente à minha orientadora, Profa. Dra. Josefa Jackline Rabelo, pela orientação, pelos ensinamentos e pelo auxílio em cada etapa deste trabalho.

Agradeço, ainda, à banca examinadora, pela disponibilidade e pelas contribuições valiosas para o aprimoramento deste trabalho. Suas observações e considerações foram essenciais para enriquecer minha trajetória acadêmica e ampliar minha visão sobre o tema estudado.

Meu agradecimento também à Universidade Federal do Ceará, por todo o conhecimento proporcionado ao longo dessa caminhada. Sou grata à instituição, aos professores e a todos os profissionais que, direta ou indiretamente, contribuíram para minha formação acadêmica e pessoal.

A todos, meu sincero agradecimento!

“Fazer com que as crianças tenham livros em mãos também é educá-las: A crise da literatura infantil é uma consequência da crise geral em que nos debatemos. No entanto, nunca foi tão necessário traçar normas que conduzissem a criança de hoje a uma formação que, sem roubar esse alimento indispensável das obras eternas, lhe assegurasse um poder de flexibilidade de espírito para compreender as situações que terá de enfrentar dia a dia, no futuro, e entre as quais deverá acomodar harmoniosamente sua vida.” (Maireles, 2016, p. 85).

## **RESUMO**

Este trabalho investiga o impacto da tecnologia no desenvolvimento de leitores no primeiro ano do ensino fundamental, levando em conta os obstáculos colocados pelo uso excessivo de telas. O objetivo é compreender como o uso excessivo de telas enquanto uma tecnologia digital influencia na motivação e interesses das crianças pela leitura e quais estratégias pedagógicas podem ser implementadas para incentivar esse hábito de forma sistemática. A pesquisa adotou uma abordagem qualitativa, fundamentada em observações em sala de aula, entrevistas com a professora e questionário semi-estruturado enviado aos responsáveis. Os resultados indicam que a tecnologia, especialmente o uso de telas, tem o potencial de facilitar ou complicar o processo de leitura, dependendo de como é utilizada e assistida. Além disso, evidenciam a importância da participação da família na construção da prática de leitura. Conclui-se que a adoção de estratégias pedagógicas interativas e acessíveis, aliadas ao envolvimento familiar e ao uso consciente da tecnologia, é essencial para despertar o interesse das crianças e minimizar os impactos negativos do excesso de telas.

**Palavras-chave:** leitura; uso de telas - tecnologia; crianças.



## **ABSTRACT**

This study investigates the impact of technology on the development of readers in the first grade of elementary school, taking into account the obstacles posed by excessive screen time. The goal is to understand how technology influences children's interest in reading and what strategies can be implemented to encourage this habit in a balanced way. The research adopted a qualitative approach, based on classroom observations, interviews with the teacher, and a questionnaire sent to parents. The results indicate that technology has the potential to either facilitate or complicate the reading process, depending on how it is used. Furthermore, the research highlights the importance of family involvement in fostering reading practices. It is concluded that the adoption of interactive and accessible strategies, combined with family engagement and conscious use of technology, is essential for sparking children's interest in reading and minimizing the negative impacts of excessive screen time.

**Keywords:** reading; technology; children.

## **LISTA DE FIGURAS**

Figura 1 – Problemas causados pelo excesso de telas.....	15
--	----

## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Interesse das crianças pela leitura.....	45
Gráfico 2 – Frequência que os pais leem para os filhos .....	46
Gráfico 3 - Uso de dispositivos tecnológicos para ler/aprender a ler .....	46
Gráfico 4 – Acesso das crianças a livros e materiais de leitura em casa.....	47
Gráfico 5- Frequência com que as crianças desistem da leitura em favor da tecnologia ....	48
Gráfico 6 – Tentativas de limitar o uso de tecnologia para estimular a leitura .....	49
Gráfico 7- A tecnologia pode incetivar o gosto pela leitura.....	51

## **LISTA DE QUADROS**

Quadro 1 – Benefícios da leitura.....	27
Quadro 2 – Conversas das crianças.....	37

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CETIC	Centro Regional de Estudos para o desenvolvimento da sociedade da informação
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UFSCar	Universidade Federal de São Carlos
HU-UFSCar	Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos
EBSERH	Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares
HMJMA	Hospital e Maternidade José Martiniano de Alencar

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	<b>14</b>
<b>2</b>	<b>BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA LEITURA: TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DO TEMPO E CONCEPÇÕES .....</b>	<b>20</b>
<b>2.1</b>	<b>O desenvolvimento da leitura no Brasil.....</b>	<b>21</b>
<b>2.2</b>	<b>A influência da tecnologia na leitura no século XXI .....</b>	<b>23</b>
<b>2.3</b>	<b>A formação de leitores na infância: ensaios de compreensão.....</b>	<b>25</b>
<b>2.4</b>	<b>Aspectos centrais sobre os primeiros passos da leitura e escrita .....</b>	<b>28</b>
<b>3</b>	<b>A CONSTRUÇÃO DA LEITURA NA INFÂNCIA: RELATO DE PESQUISA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES .....</b>	<b>31</b>
<b>3.1</b>	<b>Procedimentos metodológicos da pesquisa .....</b>	<b>31</b>
<b>3.2</b>	<b>Descrição da escola e da turma.....</b>	<b>32</b>
<b>3.3</b>	<b>Observações das experiências de leitura da turma.....</b>	<b>34</b>
<b>3.4</b>	<b>Análise e contextualização dos dados.....</b>	<b>45</b>
<b>4</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>53</b>
	<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>55</b>
	<b>APÊNDICE A- .....</b>	<b>58</b>
	<b>APÊNDICE B- .....</b>	<b>61</b>

## 1 INTRODUÇÃO

É possível compreender que a prática de leitura exerce grande influência em diversos âmbitos da sociedade. Ela é capaz de moldar pensamentos e comportamentos. Logo, pode ser utilizada para continuar reproduzindo ideologias de culturas dominantes, mas também pode ser usada para modificar tais ideais, atuando como um instrumento de resistência.

Em meados do século XVII, os livros, principalmente os de romance, eram considerados uma ameaça aos valores morais, indo contra o pudor, a dignidade e estimulando a imaginação, criando percepções apontadas como distorcidas. Além disso, provocariam revoltas das camadas menos favorecidas por mostrarem a realidade desigual existente no meio social (Abreu, 1999).

Na atualidade, vemos diversos estudiosos se dedicam a pesquisar mais a fundo a respeito da relevância da leitura para o desenvolvimento do indivíduo. No ambiente escolar, os docentes buscam práticas de leitura para trabalhar em salas de aulas. Apesar disso, vemos cada vez mais o desinteresse das crianças pela leitura, que, em muitos casos, é vista apenas como algo obrigatório.

Na era digital, é comum que as crianças tenham preferência por aparelhos eletrônicos, como videogames, celulares, televisões e etc., desconsiderando a leitura como uma atividade prazerosa. Uma pesquisa realizada em 2023 pelo Centro Regional de Estudos para o Desenvolvimento da Sociedade da Informação (CETIC), em colaboração com a Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (Unesco), mostrou que as crianças do Brasil estão acessando a internet progressivamente mais cedo. O estudo expõe que, em 2015, somente 11% dos entrevistados informaram ter iniciado o uso nas redes até os seis anos de idade. Em 2023, esse número subiu para 24%.

Na época atual, sabemos o quanto é importante ter uma alfabetização digital, contudo, é crucial que esse acesso à tecnologia seja feito de maneira responsável, sobretudo quando se trata de crianças. É fundamental observar esse uso precoce e excessivo das redes, uma vez que isso pode trazer prejuízos, como, ansiedade, distúrbios de atenção, problemas no sono, entre outros. Conforme a figura 1.

Figura 1 – Problemas causados pelo excesso de telas



Fonte: Revista Veja (2024)

Essa crescente utilização de espaços virtuais também impactaram a educação. De acordo com as Diretrizes Curriculares da Educação Básica (2008, p.48):

[...] Mesmo vivendo em época denominada “era da informação”, a qual possibilita acesso rápido à leitura de uma gama imensurável de informações, convivemos com o índice crescente de analfabetismo funcional, e os resultados das avaliações educacionais revelam baixo desempenho do aluno em relação à compreensão dos textos que lê.

Diante dessa nova realidade, educadores e familiares precisam lidar com o desafio de conciliar a tecnologia e as práticas de leitura. Nessa circunstância, torna-se indispensável promover o contato com a leitura desde os primeiros anos da infância, garantindo que as crianças se tornem leitores assíduos.

[...] Os desafios da hipermodernidade nos colocam de frente a diferentes formas de se comportar, de interagir, de ler e de produzir textos e enunciados. Não estamos falando somente de interações tecnológicas, mas estamos diante “do mundo e das diversas culturas e acontecimentos em apenas um clique ou um toque e em tempo real. Tudo isso tem revolucionado não só o acesso à informação, como também alterado nossa forma de pensar, ver o mundo, ler, escrever e nos relacionar” (Melo & Rojo, 2016, p. 250).

Diante deste cenário, me indaguei: Como promover o hábito da leitura nos anos iniciais, considerando a influência das tecnologias digitais, especialmente o uso de



telas, de forma a garantir o desenvolvimento do prazer pela leitura e o fortalecimento das habilidades cognitivas e linguísticas das crianças?

Nesse contexto, a Lei no 15.100/2025, que impõe limitações ao uso de celulares nas escolas, entrou em vigor em janeiro de 2025. Esta lei foi estabelecida em resposta ao aumento da preocupação acerca dos impactos negativos desses dispositivos no rendimento escolar, na atenção dos alunos e na sua saúde mental. Ela não proíbe totalmente o uso de telefones celulares, mas restringe seu uso durante as aulas e intervalos, com o objetivo de assegurar que os estudantes se concentrem mais nas tarefas escolares e experimentem mais interações presenciais. A legislação também autoriza o uso de telefones celulares para propósitos pedagógicos, desde que os/as professores/as autorizem, e em circunstâncias que envolvam questões de acessibilidade, saúde e segurança. O propósito da ação é proteger a saúde mental, física e emocional de crianças e jovens, incentivando um ambiente escolar mais harmonioso e saudável. Cada instituição de ensino, seja ela pública ou privada, tem a responsabilidade de ajustar a aplicação da lei de acordo com suas necessidades específicas, com orientações a serem estabelecidas. (Ministério da Educação, 2025)

O presente trabalho tem como objetivo geral: compreender como o uso excessivo de telas enquanto uma tecnologia digital influencia na motivação e interesses das crianças pela leitura e quais estratégias pedagógicas podem ser implementadas para incentivar esse hábito de forma sistemática. Para atingir esse objetivo, serão estabelecidos os seguintes objetivos específicos: Examinar o impacto do uso excessivo de telas nas habilidades cognitivas e na capacidade de leitura das crianças nos anos iniciais; desenvolver estratégias que equilibrem o uso de tecnologias digitais e a prática da leitura tradicional; e investigar como a escola e a família podem atuar de forma complementar na construção de hábitos literários desde a infância.

A decisão por essa temática surgiu após experiências em estágios, nos quais vivenciei de perto a rotina escolar, dessa forma, consegui observar as interações das crianças. Pude notar que em muitos diálogos o assunto principal entre elas era sobre dispositivos digitais e redes sociais. Fui surpreendida ao perceber que até mesmo as crianças da educação infantil se interessavam por esses conteúdos. E frequentemente, eram levadas para a sala de vídeo para assistirem desenhos apenas para “se concentrarem em algo” e assim, “se acalmarem”.

O interesse pelo tema se intensificou após uma professora da escola na qual trabalho ao tentar realizar uma atividade com a turma do 1º ano do ensino fundamental, voltada para a leitura, com o intuito de gerar interesse pelos livros por parte das crianças foi questionada se poderia trocar os livros por brinquedos ou se poderia ligar a televisão para assistirem ao Youtube. Em um determinado momento, algumas crianças utilizaram os livros como se fossem bolas de futebol.

Ao presenciar essa situação refleti a respeito desse distanciamento e da urgência de explorar estratégias pedagógicas que valorizem a importância do hábito da leitura na infância. É fundamental que os educadores pensem sobre modos de transformá-la em uma atividade envolvente e significativa.

A pesquisa foi conduzida durante o segundo semestre de 2024, em uma escola particular do município de Fortaleza, Estado do Ceará. A metodologia adotada para este trabalho consistiu em uma investigação qualitativa, focando na observação direta em sala de aula, um formulário no *Google Forms* (anexo 1), aplicado aos responsáveis pelas crianças, com o intuito de coletar informações sobre o acesso e uso de tecnologias digitais em casa, além de investigar o hábito de leitura das crianças, somado a uma entrevista aberta com questões semi-estruturadas (anexo 2) com a docente da sala. O foco da pesquisa foi analisar as práticas pedagógicas voltadas para a leitura no 1º ano do ensino fundamental, com atenção especial ao impacto das tecnologias digitais nas crianças, abordando, especialmente, o uso de telas.

Este trabalho conta com 4 capítulos. Na Introdução, serão abordados o contexto e o objetivo principal da pesquisa. Será discutido o problema central a ser investigado, a relevância do tema, bem como uma breve contextualização sobre o desenvolvimento da leitura e o papel das tecnologias nesse processo. Também serão detalhados os métodos empregados no estudo, além de indicar o período em que ele foi conduzido. O capítulo visa expor uma visão geral do estudo e seus fundamentos.

O Capítulo 2 apresenta a progressão histórica da leitura e da escrita. O capítulo segue discutindo as "revoluções da leitura". Essas mudanças expandiram o acesso à leitura, tornando o conhecimento mais democrático e acessível a um número maior de pessoas. A seção 2.1 aborda o desenvolvimento da leitura no Brasil, desde o período colonial, quando o acesso à educação e à leitura era restrito, até o século XX, com a introdução da imprensa e a produção de livros didáticos. Ademais, é destacado as restrições do sistema educacional daquele período e as transformações provocadas pela modernização da educação e o progresso tecnológico no século XXI,

que introduziu novos métodos de leitura, mas também apresentou desafios ligados ao uso de conteúdos digitais. A seção 2.2 discute justamente esse impacto da tecnologia na leitura no século XXI, ressaltando as vantagens e os obstáculos impostos pelos progressos tecnológicos. A seção 2.3 ressalta a importância da leitura durante a infância, destacando suas vantagens cognitivas, emocionais e sociais. A seção também propõe recomendações para melhorar a eficácia da leitura em voz alta, tais como a seleção criteriosa do livro, a melhoria da entonação e a execução de atividades após a leitura, visando aprimorar a experiência das crianças. Já a seção 2.4 aborda o processo de alfabetização nos primeiros anos do Ensino Fundamental, enfatizando a necessidade de uma metodologia que ultrapasse a mera decodificação da escrita. Além de discutir as diferentes concepções e métodos de ensino da leitura e da escrita, enfatizando a necessidade de um ensino contextualizado e flexível.

O capítulo 3 trata da pesquisa realizada, examinam-se as estratégias de ensino da docente, as visões das crianças acerca da leitura e as influências externas, como a utilização de telas e plataformas digitais. Ademais, o capítulo reflete sobre estratégias que podem tornar a leitura mais envolvente e significativa nessa fase inicial da alfabetização. A seção 3.1 descreve de forma detalhada a metodologia utilizada na pesquisa, os métodos empregados para a coleta e avaliação dos dados. A seção 3.2 apresenta a escola e a turma onde a pesquisa foi conduzida, enfatizando os ambientes pedagógicos, os recursos à disposição e as práticas direcionadas à formação de leitores. Também detalha a organização da rotina escolar e o perfil da professora encarregada da classe, destacando elementos que auxiliam no processo de ensino e aprendizado. A seção 3.3 deste capítulo discorre acerca das práticas de leitura no ambiente escolar, trazendo reflexões e examinando como diversas táticas afetam o processo de escrita e leitura. Também aborda as interações entre os alunos, ressaltando suas visões sobre a utilização da leitura e da tecnologia em casa e no ambiente escolar. Para mais, inclui reflexões provenientes de entrevistas com a professora, com o objetivo de entender sua perspectiva sobre o ensino da leitura e a função das tecnologias no processo de aprendizado. A última seção desse capítulo expõe a análise dos dados coletados por meio do questionário, observações em sala de aula e entrevistas com a docente, visando compreender o interesse das crianças pela leitura e o impacto das tecnologias nesse processo.

Por fim, apresenta-se as conclusões do estudo, enfatizando a relevância de compreender o efeito da tecnologia no progresso da leitura no primeiro ano do ensino

fundamental. Além disso, o capítulo propõe estratégias pedagógicas para lidar com os desafios do século XXI, sem negligenciar as habilidades fundamentais da leitura.

## **2 BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO SOBRE A CONSTRUÇÃO DA LEITURA: TRANSFORMAÇÕES AO LONGO DO TEMPO E CONCEPÇÕES**

Antes mesmo de existir a escrita padrão, os povos antigos já possuíam a habilidade de extrair significado de símbolos e representações. Utilizando distintas técnicas para registrar e interpretar suas informações e conhecimentos (Lins, 2020). Esses métodos de registros foram essenciais para o desenvolvimento da escrita e da leitura convencional. Conforme Barbosa (1990), na Antiguidade a leitura era realizada através do discurso oral. Essa prática reflete como o ato de ler era uma experiência sonora e de interação social.

Na idade média, as instituições religiosas detinham o controle das informações repassadas, os monastérios exerciam a função de fazer a leitura e as cópias de textos greco-romanos e escolas eclesiásticas desempenhavam o papel de formar os membros do clero, como padres, bispos e outros (Brito, 2010). Portanto, grande parte da população, especialmente as classes populares, não tinha acesso ao conhecimento, o que dificultava um entendimento mais complexo do mundo, dependendo de interpretações religiosas. Nesse mesmo período, a habilidade de ler silenciosamente começou a se expandir no ocidente, indivíduos das classes mais privilegiadas, como acadêmicos das universidades, cortesãos e aristocratas laicos adotaram essa prática (Chartier, 1996 *apud* Abreu, 1999). Ainda de acordo com a autora, apesar de ter sido fundamental no processo de mudanças na forma de ler, a invenção da imprensa, não foi a única determinante. “As “revoluções da leitura” são múltiplas e não estão imediatamente ligadas à invenção ou às transformações da impressão” (Chartier, 1996, *apud* Abreu 1999, p. 23). Segundo ele, existiram as seguintes revoluções:

1. A primeira iniciou nos séculos XII e XIII através das modificações na forma como a escrita era assimilada. Essa transformação fez com que o modelo monástico, no qual a escrita era utilizada para preservar o conhecimento e não para facilitar o aprendizado por meio da leitura, fosse substituído pelo modelo escolástico. Nesse contexto diferente, o livro ganhou um novo sentido, passando a ser considerado um recurso para o trabalho intelectual. Ademais, a introdução de uma leitura silenciosa, possibilitou uma relação mais próxima entre o leitor e o texto,

uma compressão mais aprofundada, o que resultou em um aumento na leitura.

2. A revolução seguinte aconteceu no século XVIII, em distintos países europeus. Com as transformações do hábito de leitura, ampliação da produção de livros e a expansão de locais de leitura, como clubes e bibliotecas, surgiram novos gêneros textuais. O romance, especialmente, proporcionou ao leitor uma experiência mais imersiva nas histórias, experimentando sentimentos e identificando-se com os personagens.
3. Segundo o autor, com a tecnologia eletrônica veio a outra revolução na leitura. Com esse avanço, foi possível ler e acessar textos em qualquer local através de dispositivos, como celulares, tablets, computadores e outros (Chartier, 1996, *apud* Abreu, 1999).

A partir de cada transformação, a democratização do acesso à leitura foi ampliada, evidenciando como as diferentes formas de leitura estão diretamente ligadas ao modo como nos relacionamos com o conhecimento. O que era restrito a alguns grupos, tornou-se uma possibilidade para uma parcela maior da população, contribuindo para a formação de uma sociedade mais informada.

## **2.1 O desenvolvimento da leitura no Brasil**

De acordo com Veiga (1989), nos anos do Brasil Colônia, a economia era sustentada pela exportação agrícola, por conta disso, a educação era considerada, prioritariamente, apenas uma forma de dominação. Entre 1549 e 1759, os jesuítas eram responsáveis pela catequização dos povos indígenas e negros. Enquanto os filhos dos colonizadores recebiam uma educação diferente. Sendo assim, a cultura europeia era imposta para esses povos, forçando-os a abdicar de suas tradições, línguas e modos de viver.

Em 1720, um alvará proibiu a implementação das manufaturas na colônia, incluindo tipografias, por temer a propagação de ideias que pudessem desafiar o domínio português. Portanto, as obras precisavam ser produzidas no exterior. Assim,

a falta de acesso à leitura limitou a construção de uma cultura letrada. No ano de 1808, foi fundada a Impressão Regia com a chegada de D. João ao Rio de Janeiro pela necessidade de anunciar decretos. Apesar da revogação da proibição da imprensa, todas as publicações eram controladas pelo governo. Qualquer obra deveria passar pela aprovação de entidades de censura, como o Conselho Ultramarino e a Real Mesa Censória. Apenas em 1821 essa censura chegou ao fim e finalmente outras tipografias poderiam ser criadas.

Nesse primeiro ano também foi introduzida essa poderosa máquina de conhecimento e poder, a impressora. Durante três séculos esse instrumento estivera proibido no Brasil por causa de seus efeitos supostamente perigosos, e só em 1808, segundo fui informado, é que esse grande país teve permissão de imprimir a página de um livro. [...] Talvez nada possa ser mais indicativo do deplorável estado de ignorância em que esse lindo país se encontrava, ou do rápido progresso que o povo fez desde a difusão do conhecimento, que esse fato (Walsh, 1985 *apud* Lajolo et al., 2019, p. 165).

Segundo Lojolo e Zilberman (2019), a escassa cultura de leitura no Brasil resultou em dificuldades financeiras para a imprensa, sendo incorporada à fábrica de cartas de baralho por conta de seus lucros. Elas afirmam ainda que a Impressão Regia favoreceu a publicação de jornais, revistas e obras literárias, destacando, em 1818, "Leitura para meninos", de José Saturnino da Costa Pereira, considerado o primeiro livro de literatura infantil do Brasil.

No entanto, embora atrasado. O estabelecimento de prelos não é menos moderno, ao se acoplar, já na primeira hora, ao surgimento de uma indústria específica e, virtualmente, bastante rendosa: a do livro didático. Nada moderna é sua outra face: impressa e livro didático nascem ao abrigo do Estado e sujeitam-se a ele (Lojolo e Zilberman, 2019, p.170).

O interesse do governo pelos livros didáticos surgiu da necessidade de fornecer materiais adequados às universidades criadas por D. João. A fundação de instituições de ensino superior e a expansão da imprensa desempenharam um papel crucial na estruturação da cultura moderna no Brasil, além de incentivar a leitura como prática social, tanto no âmbito da educação formal quanto na disseminação geral do conhecimento. O leitor é o elemento central deste processo, sendo aquele que cria um significado ao livro e aquele que é influenciado por ele.

Contudo, a educação do país na época não estava indo bem, apesar do aumento de escolas por conta do decreto de 30 de junho de 1821. No entanto, essa ação acaba sendo ineficaz, pois qualquer cidadão podia frequentar e abrir escolas de

alfabetização sem a necessidade de passar por um exame de licença. Após isso, a imprensa divulgou um plano com ideias sobre a educação. No entanto, as propostas não tiveram o efeito esperado, por causa da precariedade do sistema educacional. A falta de qualidade na educação era herança do Brasil colonial, onde o acesso à educação e aos livros era restrito. Portanto, as práticas de leitura também eram limitadas, seja no que diz respeito ao acesso a livros quanto ao incentivo à leitura como um hábito social.

Embora tenha ocorrido a Proclamação da República, o século prosseguiu sem muitas mudanças nesses quesitos. Apenas no final do século XIX, o processo de produção de livros didáticos voltou-se para a realidade brasileira, juntamente com a nacionalização do livro infantil. A partir do século XX, com a formação do Ministério da Educação e Saúde, em 1930, foram implementadas novas práticas para a estruturação do ambiente escolar. Consequentemente, isso também impactou o material didático, que teve que se adaptar às novas necessidades, especialmente no ensino de leitura e literatura.

“Com efeito, na modernidade, não existe nenhum país próspero que não tenha passado pela revolução silenciosa do livro e da leitura. E a leitura, como gesto de comunicação, tornou-se a chave para o ingresso no século XXI” (Sant’Anna, 2012, p.79). No século atual, a evolução da leitura passou por grandes mudanças, principalmente em função do progresso tecnológico. A digitalização introduziu novos métodos de leitura, tais como e-books, audiolivros e plataformas interativas, impulsionando o acesso aos textos. Contudo, o aumento do uso de redes sociais e conteúdos digitais breves também apresentou desafios, tais como a leitura fragmentada e a redução da atenção em textos extensos.

## **2.2 A influência da tecnologia na leitura no século XXI**

É indiscutível que o século XXI é caracterizado pelos avanços das tecnologias digitais, que modificaram profundamente a maneira como a sociedade obtém e utiliza informações. A leitura estendeu-se a diversos formatos, incluindo livros digitais, audiolivros, plataformas interativas e redes sociais. Esta transformação abriu novas perspectivas para a formação de leitores, mas também apresentou desafios, uma vez que, com a facilidade de acessos cada vez mais rápidos, as crianças são expostas a um número crescente de conteúdos, muitos dos quais possuem uma duração mais



curta. Em dezembro de 2024, a revista Forbes Brasil publicou uma matéria anunciando a palavra do ano escolhida pela Oxford University Press. De acordo a matéria, a palavra escolhida foi “Brain rot”. Trata-se de uma expressão utilizada para indicar a diminuição das habilidades mentais ou intelectuais de um indivíduo devido ao consumo excessivo de conteúdos, particularmente na internet. Conforme a psicóloga hospitalar Jéssica Mazocato Cardoso, do Hospital Universitário da Universidade Federal de São Carlos (HU-UFSCar), vinculado à Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (Ebserh), a exposição frequente tem um efeito considerável na saúde mental e emocional, podendo resultar em apatia, falta de estímulo e dificuldade em se envolver em atividades desafiadoras. Ademais, auxilia no crescimento da ansiedade e do estresse, estimulados pela comparação nas mídias sociais e pela sobrecarga de informações. Outros impactos negativos incluem a diminuição da habilidade de concentração e atenção, afetando a produtividade e o bem-estar; o desafio em fazer escolhas e aprimorar o raciocínio crítico; a distância do mundo real, levando ao isolamento e à solidão; dificuldades na memória e no aprendizado; o aumento da impulsividade e atitudes autolesivas.

Santos e et.al (2009), discutem a complexidade da leitura, sustentando que não é algo simples, mas uma competência que engloba diversos processos interligados. Essas funções cognitivas devem funcionar de maneira coordenada e eficaz para que o indivíduo compreenda o texto de forma integral. Portanto, a formação de leitores não se restringe apenas ao reconhecimento das palavras, mas também inclui um entendimento aprofundado do conteúdo, a habilidade de refletir sobre ele e de combinar o conhecimento obtido de forma coerente. Além disso, para que as crianças se tornem leitores críticos e competentes, não basta somente ter acesso a uma ampla variedade de textos, mas também ter a capacidade de selecioná-los de forma ponderada e criteriosa.

Por outro lado, a tecnologia também possui um enorme potencial para ajudar no processo de aprendizado e no desenvolvimento da leitura. Tornando a prática mais interessante para distintas faixas etárias. Ademais, recursos como aplicativos de leitura e dicionários virtuais podem contribuir para aprimorar a interpretação de textos, incentivar o interesse por novos temas e oferecer uma experiência mais rica e cativante para as crianças, ao combinar o digital com o tradicional. Antunes (2002), ressalta como as recentes ideias sobre educação, comunicação e o progresso tecnológico podem revolucionar o método de ensino nas salas de aula. Dentro do

contexto de aprendizado da leitura, a tecnologia pode ser empregada de maneira que potencialize a aprendizagem infantil.

### **2.3 A formação de leitores na infância: ensaios de compreensão**

É incontestável que o hábito de leitura é fundamental para diversos aspectos da vida. De acordo com a neurologista Joana D’Arc Loureiro, que trabalha no Ambulatório de Especialidades do Hospital e Maternidade José Martiniano de Alencar (HMJMA), ler garante resultados positivos ao longo dos anos. Ela ressalta que a leitura pode ser uma atividade preventiva para doenças como a demência. A especialista explica que pesquisas mostram que leitores tem menos riscos de sofrer lapsos de memória e apresentam um melhor desenvolvimento cognitivo em diversas áreas. (Secretaria da Saúde, 2022).

No que diz respeito à infância, a leitura desempenha um papel importante no estímulo da criatividade. Por meio dela, as crianças têm a possibilidade de conhecer mundos até então desconhecidos, imaginar novos cenários e histórias, nos quais irão se aventurar e enriquecer suas vivências.

Ademais, o desenvolvimento emocional e social é potencializado, visto que, ao experienciar as histórias, as crianças passam a compreender o mundo por distintas perspectivas, aprimorando o sentimento de empatia, consequentemente, cultivando relações mais respeitadas.

Para Grossi (2008, p. 3):

Pessoas que não são leitoras têm a vida restrita à comunicação oral e dificilmente ampliam seus horizontes, por ter contato apenas com ideias próximas das suas, nas conversas com amigos. [...] ‘é nos livros que temos a chance de entrar em contato com o desconhecido’, conhecer outras épocas e outros lugares – e, com eles, abrir a cabeça. Por isso, incentivar a formação de leitores é não apenas fundamental no mundo globalizado em que vivemos. É trabalhar pela sustentabilidade do planeta, ao garantir a convivência pacífica entre todos e o respeito à diversidade.

É possível ainda reconhecer e compreender sentimentos que, em alguns casos, podem parecer complexos para eles. Independente do ambiente, é necessário que a leitura seja algo natural, ativo, significativo, que se relacione com o contexto das experiências do leitor, que seja capaz de proporcionar contentamento, lembranças e novas realidades (Cosson, 2009).

Nos aspectos cognitivos, ela exerce uma função importante no desenvolvimento das habilidades linguísticas e comunicativas, uma vez que permite

à criança familiarize-se com palavras que ainda não conhece, ampliando seu vocabulário. Além disso, a interação com histórias literárias, cria bases para a construção do pensamento crítico, para a interpretação de textos e de conteúdos escolares. “A leitura é uma atividade fundamental para a aquisição de conhecimentos” (Cunha 1999, p. 51).

Nos primeiros anos da Educação Básica, o interesse pela leitura surge através de uma experiência estética com os livros. Isso implica que, no primeiro contato, os elementos visuais, táteis e sonoros dos livros são essenciais para envolver as crianças no hábito de ler. Conforme progridem, as crianças começam a aprimorar competências ligadas à leitura, tais como interpretação, inferência e comentários sobre os textos. Isso ocorre porque já têm um conhecimento básico de leitura e começam a entender mais facilmente as informações e significados ocultos nos textos (Ferrarezi e Carvalho, 2017).

Carvalho (2005), apresenta as seguintes sugestões para aqueles que vão contar histórias ou ler em voz alta, especialmente no ambiente escolar, que podem contribuir para o sucesso da atividade:

1. Escolher o livro com antecedência: A docente selecionará um livro que lhe agrade e que possa captar o interesse das crianças. Ela precisa se identificar com a trama para transmitir sentimentos durante a leitura.
2. Aprimorar a leitura: Antes de ler o livro, a docente praticará a leitura em voz alta, melhorando a entonação, o ritmo e a fluidez do texto.
3. Utilizar um gravador: A docente pode registrar sua leitura antes da tarefa e examinar elementos como nitidez e velocidade para realizar correções, caso seja preciso.
4. Olhar para o público: Durante a leitura, a professora deve estabelecer contato visual com as crianças, ajustando seu olhar para captar suas reações e manter o envolvimento.
5. Postura e movimentos: Ela deverá manter uma postura natural, caminhando de maneira tranquila pela sala, e fazer uso de gestos moderados para tornar a leitura mais dinâmica e cativante.
6. Manter a respiração sob controle: Durante a leitura, a docente precisa controlar sua respiração para manter uma voz firme e nítida, sem alterar o ritmo.

7. Água disponível: Para assegurar uma leitura ininterrupta, a docente deve possuir um copo de água à mão.
8. Atividades após a leitura: Após a leitura, a educadora precisa sugerir atividades para os pequenos, como a realização de desenhos ou a recontar da história com suas palavras.
9. Dramatização: A educadora também tem a possibilidade de incentivar as crianças a encenarem a narrativa utilizando objetos e fantasias, promovendo a expressão criativa.
10. Elaborar narrativas: Finalmente, pode incentivar as crianças a criarem suas próprias narrativas, usando títulos, personagens ou até músicas como referência, para estimular a criatividade.

Dessa forma, a leitura vai além de um simples momento de escuta e se transforma em uma vivência interativa e enriquecedora para os alunos. Sendo assim, fica evidente o quanto é imprescindível que a leitura seja incentivada desde os primeiros anos de infância, para que se torne uma prática prazerosa contribuindo para a formação de leitores e para o desenvolvimento integral das crianças. Abaixo, encontra-se elencada uma síntese sobre os benefícios da leitura.

Quadro 1- Benefícios da leitura.

Aspectos	Benefícios
Cognitivo	Ampliação do vocabulário, desenvolvimento da compreensão textual e do pensamento crítico.
Emocional e Social	Desenvolvimento da empatia, compreensão de diferentes perspectivas.
Criatividade e Imaginação	Estímulo a criatividade, ampliação da imaginação e capacidade de visualizar novas possibilidades.
Acadêmico	Melhoria no desempenho escolar, maior facilidade em interpretar e produzir textos e assimilação de conteúdo.

Neurológico	Contribuição para o desenvolvimento da neuroplasticidade e prevenção de doenças como demência.
Cultural	Contato com diferentes culturas, costumes e realidades, promovendo uma visão de mundo mais ampla.

Fonte: Elaborada pela autora.

## 2.4 Aspectos centrais sobre os primeiros passos da leitura e escrita

De acordo com a Base Nacional Comum Curricular (Brasil, 2018), A etapa mais extensa da Educação Básica é o Ensino Fundamental, que dura nove anos. Ele atende crianças e jovens de 6 a 14 anos. Nos dois primeiros anos de escolaridade (1º e 2º anos), o foco está na alfabetização. Esse processo deve possibilitar que os estudantes se familiarizem com o sistema de escrita alfabética. Este aprendizado não ocorre de forma isolada, mas em conjunto com outras competências, tais como leitura e escrita, bem como a participação em várias práticas de letramento. “[...] O resultado da ação de ensinar ou de aprender a ler e escrever: o estado ou a condição que adquire um grupo social ou um indivíduo como consequência de ter-se apropriado da escrita (Soares, 1998, p. 18).” Portanto, a escola deve oferecer um ambiente repleto de incentivos para a leitura e a escrita, fomentando a curiosidade, o raciocínio crítico e a independência dos estudantes.

Até hoje a maioria dos que se dedicam à alfabetização – professores, psicólogos ou linguistas – usa de forma corriqueira três expressões para referir-se ao sistema de escrita alfabética, à leitura e à escrita dos alunos principiantes. Estamos falando das palavras “código”, “decodificar” e “codificar”. Elas parecem ter se cristalizado com o tempo, de modo a impedir que busquemos formas mais adequadas para nomearmos o mesmo objeto e fenômenos a que se referem. Vemos que hoje, apesar de muitos terem incorporado a ideia de que “alfabetizar-se não é só saber codificar e decodificar”, isto é, que o indivíduo precisa dispor de um mínimo de conhecimentos letrados para atuar como sujeito alfabetizado, o uso das três expressões, girando em torno da ideia de código, parece inarredável (Moraes, 2005, p.29).

A ideia do autor nos leva a refletir sobre a persistência de uma visão simplificada da alfabetização, focada no conceito de código, codificação e decodificação. Apesar de já ser reconhecido que o aprendizado da leitura e escrita vai além de simplesmente

reconhecer e reproduzir símbolos gráficos, essas expressões ainda são amplamente utilizadas, refletindo uma concepção mecanicista do processo de alfabetização.

Coutinho (2005), faz uma crítica ao modelo tradicional de alfabetização que era praticado nas séries iniciais, onde a ênfase era mais na técnica de escrita do que na compreensão ou no sentido do que estava sendo escrito. Esse processo começava com atividades preparatórias para a escrita, tais como a cópia ou ditado de palavras que as crianças já haviam memorizado. Muitas vezes, as palavras e frases copiadas não possuíam qualquer relação com o cotidiano delas.

“O problema da alfabetização tem sido exposto como uma questão de método, e a preocupação seria a de buscar o “melhor e mais eficaz método para ensinar a ler e escrever” (Ferreiro et al., 1979 *apud* Coutinho, 2005). Esta perspectiva focada em métodos fundamenta-se na concepção de que, ao utilizar o método adequado, todas as crianças aprenderiam a ler e escrever de forma rápida e eficiente. Entretanto, o aprendizado não se resume apenas a implementar um método, mas também a levar em conta como as crianças vão gradualmente assimilando a compreensão de como a escrita funciona.

Carvalho (2005), defende que, apesar de não ser possível determinar definitivamente qual é o método mais eficaz para a alfabetização, ela sugere que, para alcançar êxito na alfabetização, deve-se ensinar as conexões entre letras e sons de forma sistemática e com flexibilidade, permitindo adaptação do planejamento da sequência de ensino de letras e palavras de acordo com o contexto e as demandas da classe, evitando um ensino focado apenas na decifração das palavras. A autora enfatiza que, independentemente do método adotado, é crucial que o professor possua um sólido conhecimento teórico sobre a alfabetização. Contudo, ela destaca que a compreensão técnica do método por si só não é adequada. Para um ensino eficiente, é crucial que o educador observe cuidadosamente o comportamento e as respostas das crianças, anote os resultados de suas práticas e esteja pronto para adaptar a metodologia de acordo com as necessidades e desafios dos estudantes, especialmente aqueles que enfrentam dificuldades para acompanhar o ritmo da classe.

Com base nas reflexões sugeridas pelos autores, fica evidente que a alfabetização ultrapassa a mera implementação de um método ou a memorização de palavras e frases. A ideia de que a leitura e a escrita devem ser abordadas de forma mecanicista e focada no código - como algo que se aprende a decifrar e codificar -

precisa ser expandida para abranger o aprimoramento de um entendimento mais aprofundado e relevante sobre a escrita. A alfabetização deve ser vista como um processo progressivo e interativo, que envolve o aluno no processo de leitura e escrita de maneira crítica e reflexiva.

Nos anos iniciais, especialmente no 1º ano do Ensino Fundamental, os alunos se encontram em uma etapa de mudança. A metodologia de ensino precisa ser interativa, contextualizada e focada no estudante. Ao incorporar práticas de alfabetização que promovam a curiosidade, a exploração e a contextualização das palavras no dia a dia das crianças, a educação se torna mais valiosa. Além disso, o alfabetizador deve assegurar que os alunos entendam a função da leitura e da escrita no mundo em que vivem, estimulando o questionamento.

### **3 A CONSTRUÇÃO DA LEITURA NA INFÂNCIA: RELATO DE PESQUISA NO 1º ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL SOBRE A FORMAÇÃO DE LEITORES**

Este capítulo descreve um estudo realizado ao longo de seis meses, conduzido com uma turma do primeiro ano do Ensino Fundamental, onde tive a oportunidade de atuar como estagiária na turma do 1º ano.

Ademais, discutiremos a natureza do estudo e sua categorização. A pesquisa se concentrou em entender como as crianças, em seu estágio inicial de alfabetização, começam a se familiarizar com a leitura, considerando tanto as metodologias empregadas pela professora quanto as influências externas, como o uso de telas e outras mídias digitais. Ao longo deste capítulo, os dados recolhidos serão examinados, ponderando sobre as práticas pedagógicas observadas, as visões das crianças acerca da leitura e as possíveis táticas que podem ser implementadas para melhorar o processo de formação de leitores no cenário do 1º ano.

#### **3.1 Procedimentos metodológicos da pesquisa**

Fonseca (2002), a metodologia Segundo é um percurso seguido para alcançar um objetivo específico, servindo, neste cenário, como o instrumento para orientar o avanço da pesquisa. A pesquisa foi realizada por meio de uma abordagem qualitativa, utilizando diferentes técnicas de coleta de dados para proporcionar uma compreensão aprofundada do tema. Ribeiro (2005) afirma:

A pesquisa de forma qualitativa significa, em primeiro lugar, considerar a diversidade humana. Trata-se de compreender que cada participante possui sua singularidade, na qual é formada na convivência com a pluralidade, nas diversas etnias, nas múltiplas manifestações culturais, corporais e linguísticas.

Foram usados como instrumentos de coleta de dados: observação participante e entrevistas abertas com base em um roteiro semi-estruturado. No decorrer do estágio, realizei observações contínuas e detalhadas das atividades executadas dentro e fora da sala de aula. A participação ativa possibilitou que eu acompanhasse de perto a interação dos estudantes com os textos, seus desafios e progressos no processo de alfabetização. Para aprofundar as observações, foram conduzidas entrevistas abertas com a docente que leciona na turma do primeiro ano. Na entrevista fechada, as questões já estão definidas, assim como a sequência e a forma de



apresentá-las, e o entrevistador não tem permissão para modificar nenhuma dessas regras. Por outro lado, na entrevista aberta, o entrevistador tem total liberdade para fazer perguntas ou fazer intervenções, possibilitando toda a flexibilidade requerida em cada situação específica (Bleger 1998). Assim, essas entrevistas permitiram uma avaliação mais detalhada das estratégias pedagógicas adotadas, das visões das docentes sobre o progresso da leitura nas crianças e os obstáculos encontrados. A metodologia aberta possibilitou que as professoras compartilhassem livremente suas vivências e reflexões acerca do ensino da leitura, oferecendo uma visão mais profunda e minuciosa do cenário da pesquisa.

A investigação também englobou entrevistas com os responsáveis dos estudantes, conduzidas através de formulário *Google*. Esta estratégia possibilitou um alcance mais abrangente, assegurando que as percepções dos pais sobre o progresso da leitura e escrita dos filhos fossem registradas de maneira prática e eficaz. No total, 23 familiares, um para cada aluno, responderam ao questionário. Os pais tiveram a oportunidade de expressar seus pontos de vista e vivências relacionadas ao incentivo à leitura em casa, bem como dividir suas inquietações e expectativas em relação ao aprendizado dos filhos.

A fundamentação teórica foi estabelecida através de uma revisão de literatura voltada para a formação de leitores e os desafios do ensino de leitura na infância. Diversos autores foram consultados sobre a relevância da leitura na infância e as estratégias de ensino mais eficientes nesse contexto. Ademais, o estudo também tratou de pesquisas acerca das tecnologias e seu impacto no progresso da leitura entre as crianças. Dentre os principais autores que embasaram este estudo, destacam-se: Carvalho (2005; 2007), Abreu (1999) e Lajolo e Zilberman (2019), que discutem a importância da leitura e sua influência na formação do leitor. No que diz respeito ao uso da tecnologia na educação, as reflexões são fundamentadas nos estudos de Coburn (1988), Kenski (2012) e Bento e Belchior (2018), que abordam a inserção das mídias digitais no ensino e seu impacto no processo de aprendizagem.

### **3.2 Descrição da escola e da turma**

A escola na qual a pesquisa foi realizada é uma instituição de ensino particular, que atende crianças desde o Infantil II até o 5º ano do Ensino Fundamental. A instituição possui um total de 9 turmas, distribuídas nos diversos níveis de ensino,

oferecendo um ambiente de tempo integral para os estudantes. Dentre os espaços pedagógicos, destacam-se a biblioteca e a sala de leitura, ambientes fundamentais para a formação de leitores. A biblioteca conta com um acervo diversificado, adequado ao público infantil, e é frequentemente usada para fomentar o interesse pela leitura e ampliar o repertório literário dos alunos. A sala de leitura, por sua vez, oferece um ambiente acolhedor, repleto de livros e recursos que estimulam a exploração literária de maneira lúdica e prazerosa. Nesse espaço, as educadoras frequentemente conduzem as crianças para sessões de contação de histórias. Ademais, a escola implementa o Projeto Leitura, uma iniciativa destinada a incentivar o hábito de leitura desde a Educação Infantil. Como parte deste projeto, as crianças levam regularmente livros para casa, permitindo a interação com diversos gêneros textuais no seu contexto familiar. Conforme a idade e o grau de alfabetização, esse processo pode se dar através da leitura independente ou com a assistência dos pais e responsáveis. Antes de aprender a ler, a criança é apresentada ao universo da leitura através da expressão oral. Isso acontece quando alguém, como pais, avós ou outros responsáveis, narra histórias para ela. À medida que se desenvolve, a criança começa a manifestar suas preferências, selecionando quais histórias quer ouvir e quais partes lhe são mais atrativas. Com o passar do tempo, à medida que sua habilidade de atenção e entendimento se aprimora, a criança é capaz de acompanhar histórias mais extensas e complicadas (Ortiz et al., 2018).

A escola também disponibiliza um laboratório de informática, que, embora seja mais focado no uso de tecnologias, também é um recurso importante no processo de alfabetização e letramento digital. A instituição também possui 4 salas audiovisuais, que são usadas para a exibição de filmes, vídeos e documentários.

No que diz respeito à turma observada, é uma classe do primeiro ano do Ensino Fundamental, formada por 23 estudantes, com idades que variam de 6 a 7 anos, que integrava o sistema de tempo integral da escola, oferecendo uma rotina diferenciada: de manhã, as crianças participavam das aulas regulares. À tarde, a classe prosseguia com atividades de reforço, bem como momentos dedicados a atividades recreativas e de socialização. Por ser um sistema de tempo integral, as crianças estudavam no período regular em turmas distintas. No entanto, à tarde, as duas classes se juntavam sob a orientação de uma professora diferente, que ficava responsável por ambas as turmas. A docente encarregada atua na área da educação há seis anos e estava frequentando uma pós-graduação em Alfabetização e Letramento há dois meses,

evidenciando seu empenho em se manter atualizada e melhorar as práticas de ensino.

### **3.3 Observações das experiências de leitura da turma**

Neste cenário, a observação das práticas permite compreender como a educadora contribui para alfabetização das crianças no ensino integral. Embora não seja a professora regular, seu trabalho demonstra estratégias que podem favorecer ou dificultar esse processo. As experiências em sala de aula mostram diferentes abordagens para a leitura e a escrita, revelando avanços e obstáculos na superação de uma visão exclusivamente mecanicista da alfabetização.

No decorrer do meu estágio, uma das atividades observadas, que será detalhada neste trabalho, juntamente com outras experiências vividas na turma, teve como objetivo incentivar a leitura e a compreensão das letras de músicas. A aula teve início com uma conversa descontraída sobre as músicas que as crianças costumam ouvir e cantar. Ao abordar o assunto, a professora questionou os estudantes sobre as músicas que já tinham ouvido falar, encorajando-os a compartilhar suas vivências. A professora então apresentou a música "Se essa rua fosse minha", explicando de forma compreensível o sentido da canção. Após isso, iniciou-se uma leitura coletiva da música, registrando os versos no quadro. Durante a leitura, as crianças foram incentivadas a repetir as palavras e frases. Depois da exploração da letra, a docente encorajou as crianças a criarem suas próprias estrofes, seguindo o exemplo da canção "Se essa rua fosse minha". Elas foram desafiadas a redigir suas estrofes, trocando a palavra "rua" por outros elementos do seu contexto. A professora fez a mediação, ajudando com a escrita e oferecendo apoio individual, quando necessário. Para finalizar, houve uma roda de conversa em que as crianças puderam compartilhar suas estrofes com os colegas, incentivando a expressão oral. Notei que as crianças se divertiram e se envolveram bastante com a atividade, tornando-a mais cativante. Contudo, como ainda estão em processo de alfabetização, algumas tiveram dificuldades em escrever suas estrofes, demonstrando frustração.

Segundo Carvalho (2005), uma das primeiras ações ao estudar o texto é transcrevê-lo no quadro, em uma cartolina/ bloco grande. Depois, a educadora deve conduzir uma leitura natural e fluida, incentivando as crianças a discutirem suas

interpretações e impressões sobre o texto. A leitura didática, em que a professora aponta as palavras e destaca a separação entre elas, também é crucial para a formação do entendimento de que os espaços entre as palavras são uma característica da língua escrita.

Em suma, a atividade observada pode ser relacionada a esses princípios ao enfatizar a importância de copiar o texto no quadro e incentivar uma leitura fluida, seguida de um diálogo para que as crianças possam compartilhar suas interpretações. Oferecendo uma experiência de leitura e escrita que une o aprimoramento da compreensão, da expressão oral e da escrita de forma lúdica e atrativa.

Ainda de acordo com Carvalho (2005), a poesia no ambiente escolar pode ser empregada de diversas maneiras para envolver os alunos e oferecer uma vivência rica e sensível. Esta leitura, além de proporcionar beleza ao dia a dia, também ajuda a criar um ambiente de aprendizagem mais leve e agradável. Outra estratégia proposta é a leitura em coro, na qual todos os estudantes recitam o poema em conjunto, realçando o ritmo e o som da poesia. Carvalho também propõe o uso do ritmo poético de maneira corporal, através de palmas ou movimentos, para tornar a atividade mais interativa e dinâmica, incentivando a expressão física e emocional das crianças. Por fim, Carvalho ressalta que é possível incentivar as crianças a criarem suas próprias poesias. Depois de ouvir e ler poemas, elas podem se sentir inspiradas a compor seus próprios versos. Essas poesias podem ser "divulgadas" de maneira simples, expondo os textos em um mural ou em um "varal de poesias", o que valoriza o trabalho dos estudantes e os motiva a prosseguir explorando a poesia como meio de expressão criativa.

Uma outra atividade bastante interessante foi uma "caça ao tesouro", que englobou a exploração e a descoberta de poemas através do uso da ludicidade. Nas aulas anteriores, a professora trabalhou poemas com os alunos, apresentando diferentes poemas infantis voltados para o público infantil que abordavam tópicos de interesse das crianças, tais como animais, brinquedos, natureza e amizade. Ela explicou como as rimas tornam os poemas sonoros. E os alunos tiveram a oportunidade de ler os livros de poesia que a professora levou. Dando continuidade o que foi trabalhado anteriormente, escondemos pequenos trechos de poemas em diferentes cantos da sala de leitura. As crianças, agrupadas em pequenos grupos, receberam pistas rimadas que as levavam até os versos escondidos. À medida que localizavam os trechos, deveriam lê-los em voz alta para os colegas, buscando

entender o significado e a sonoridade das palavras. Depois da busca, os alunos reuniram todos os trechos encontrados e, sob a orientação da docente, ordenaram os versos para compor o poema completo, alguns tentaram criar versos curtos. Ao final, foi elaborado um painel em conjunto, com os poemas e ilustrações.

E, assim como acredita Carvalho, conforme explicado anteriormente, essa experiência foi significativa. A proposta incentivou, o trabalho em equipe e a atenção à sonoridade das palavras, auxiliando no aprimoramento da oralidade e da interpretação de textos. Contudo, também foram identificados alguns aspectos negativos. Ao procurar os versos, algumas crianças demonstraram grande agitação, resultando em momentos de desordem e necessidade de retomar a organização. Ademais, surgiram desafios na disposição dos versos, dado que alguns estudantes ainda enfrentam desafios na leitura e interpretação textual, demandando uma maior intervenção da docente. Mesmo com esses obstáculos, a atividade foi benéfica e proporcionou um contato significativo das crianças com a poesia.

Em outro dia, a professora planejou para incentivar o gosto pela leitura e a reflexão acerca da história. Entretanto, o resultado não foi o esperado. A atividade aconteceu na sala de vídeo, onde a docente começou a aula contando uma história. A ideia era conduzir uma leitura, ressaltando aspectos como personagens, enredo, tempo e espaço. Posteriormente, as crianças seriam convidadas a interpretar os personagens da história através da dramatização.

Ouvir histórias é uma experiência agradável e proveitosa, sob diversos pontos de vista. Mesmo que, eventualmente, alguma palavra ou frase não seja compreendida pela criança, o importante é que ela seja capaz de seguir o fio da história, que a leitura lhe dê prazer, que a faça pensar, faça sonhar. Esta é a maior riqueza da literatura infantil. Além disso, ao ouvir a leitura da professora, as crianças vão se familiarizando com as características da língua escrita, cuja sintaxe e cujo léxico não são os mesmos da língua oral. Não só o conhecimento da língua pode ser enriquecido no contato com a literatura por intermédio da voz da professora, mas também a fantasia, a imaginação, a experiência indireta do mundo (Carvalho, 2005, p.89).

Inicialmente, a atividade parecia promissora, já que a educadora buscou envolver os estudantes desde o início, instigando a curiosidade. No entanto, várias crianças se distraíram. Ao sugerir que as crianças encenassem a história, algumas demonstraram seu desinteresse: "Professora, eu queria mesmo era assistir a um filme" e "Posso colocar no YouTube?". Embora sugerisse que criassem seu próprio desfecho para a história ou que ilustrassem a sequência, o interesse das crianças

continuava na oportunidade de acessar conteúdos digitais. Diante do desinteresse das crianças pela leitura, a docente tentou várias táticas para atrair a atenção da classe e manter o foco na tarefa. Contudo, mesmo com seus esforços, as crianças continuaram a se distrair, interagindo entre si e mostrando maior interesse em assuntos que não estavam relacionados à leitura.

Conforme Carvalho (2007), O propósito principal de contar histórias deve ser proporcionar diversão e interação com o tema, proporcionando uma experiência positiva para os estudantes. Se eles estão agitados, distraídos ou ansiosos, isso pode indicar que o momento da leitura ou a história selecionada não são atrativos ou apropriados para a ocasião.

Ao notar que os esforços para manter a atenção não estavam produzindo resultados, ela, sem saber como mudar a situação, optou por encerrar a atividade de leitura e ceder à distração das crianças. Ela escolheu exibir um desenho animado na televisão, o que imediatamente atraiu a atenção dos alunos. Nesse contexto, evidenciou-se novamente como o uso excessivo de conteúdo digital, tem afetado o interesse das crianças por atividades mais convencionais de leitura. Esta vivência destacou o desafio de incorporar a leitura de forma atraente em um cenário onde a tecnologia tem um impacto significativo nas preferências e interesses infantis.

Em outros momentos da rotina, presenciei a interação das crianças, elas costumavam mencionar como seus pais se queixavam do tempo excessivo que passavam diante de aparelhos eletrônicos ou, ao contrário, como certos pais permitiam esse uso sem restrições. Em várias ocasiões, elas compartilharam comigo suas vivências, comparavam rotinas e expressavam suas opiniões sobre o tempo que dedicam à leitura ou ao uso de aparelhos eletrônicos. Durante algumas conversas, questionei as crianças acerca da leitura, perguntando se apreciavam a leitura, que tipos de histórias mais gostavam e se tinham o costume de ler em casa.

#### Quadro 2 – Conversas das crianças

Criança 1 comentou: “Meu pai me deixou ficar três horas no celular, mas a minha mãe disse que já estava demais. Eu tentei mais um pouquinho, mas ela tirou.”
--

Criança 2 respondeu: “Isso acontece comigo também! Meu pai me deixa ficar o dia inteiro jogando, mas minha mãe fica falando que vou ficar com dor de cabeça.”

Criança 3 disse: “Meu pai diz que eu só fico no celular e não brinco mais. Eu brinco no celular”.

Criança 4: “Meus pais não me deixam ficar no celular.”

Em outro dia, escutei o seguinte diálogo entre um grupo diferente:

Criança 1: “Hoje eu briguei com meu pai porque ele me mandou sair do celular para ir estudar, e eu queria continuar assistindo vídeo.”

Criança 2: “Sério? Meu pai também diz que tenho que sair do tablet, mas ele também fica no celular o tempo todo.”

Criança 1 continuou: “Eu perguntei para minha mãe por que ela deixa meu pai ficar no celular tanto tempo e ela disse que ele trabalha e precisa disso, mas eu também preciso me divertir!”

Crianças 3: “Tia, tô com sono, ontem eu dormi muito tarde porque fiquei assistindo no YouTube.”

Criança 4: “Às vezes, minha mãe manda eu ler um livro antes de dormir, mas eu prefiro o celular”

Criança 3: “Eu não gosto muito de ler. É muito chato.”

Criança 5: “Eu gosto quando alguém lê para mim. Minha avó sempre conta histórias antes de dormir. Quando leio sozinho, às vezes, não entendo tudo.”

Criança 6: “Minha mãe só lê livro para o meu irmão. Para mim, ela só manda eu ler sozinho!”

Criança 5: "Eu perguntei por que meu pai não lê livro e ele disse que não tem tempo."
Criança 5: "Meus pais gostam muito de ler. Todo tempo eles compram livros pra eles e pra mim."
Criança 3: "Eu já vi um filme que era de um livro, mas o filme era mais legal."

Estes diálogos mostram como as crianças percebem a relação entre a leitura e o uso de telas no seu dia a dia, frequentemente espelhando as atitudes e discursos de seus pais. Enquanto algumas apresentem resistência à leitura, outras demonstram interesse quando a tarefa requer mediação, como a leitura em família. A influência dos adultos é clara, seja pela falta do costume de ler em casa ou pela predominância do uso de aparelhos eletrônicos.

Bamberg (1987) ressalta que o interesse pela leitura não se manifesta de maneira espontânea, mas como um hábito que se desenvolve ao longo dos anos. Este processo inicia-se no contexto familiar, onde os membros mais próximos da família têm um papel crucial na introdução da criança ao universo literário. Assim, o hábito de ler desde a infância não só desperta o gosto pela leitura, mas também aprimora habilidades linguísticas e cognitivas que serão valiosas durante toda a vida acadêmica e pessoal da criança.

Cullinan (2001) também enfatiza a relevância do ato de ler em voz alta para os pequenos e seu efeito no progresso educacional. Crianças expostas a histórias desde cedo geralmente se saem melhor na escola. O que elas veem e escutam tem um impacto direto no seu aprendizado.

Ao conversar com a professora sobre as percepções levantadas nas conversas das crianças, ela reconheceu a importância de envolver as famílias no incentivo à leitura. Diante disso, planejou uma atividade que estimulasse a participação dos pais no processo de formação leitora dos filhos. A ideia sugeria um momento de leitura compartilhada, no qual os responsáveis seriam convidados a ler uma história para as crianças em casa e, posteriormente, elas trariam suas impressões para a sala de aula. Esta atividade visava reforçar a ligação entre a família e a leitura, além de evidenciar que o hábito de ler pode ser significativo quando experimentado em conjunto.

A docente propôs que, durante um mês, cada família dedicasse um momento para ler com seus filhos e documentasse essa vivência em um pequeno caderno,



chamado Diário de Leitura Familiar. As crianças, juntamente com seus responsáveis, deveriam registrar o nome do livro lido, uma breve descrição da história e a visão da criança. Adicionalmente, poderia haver uma ilustração ou colagem realizada pela criança sobre a leitura. Ao término de cada semana, as crianças levariam o diário para a escola, sendo algumas convidadas a dividir suas vivências com os demais. O objetivo era estimular mais famílias a se envolverem e que as crianças se sentissem estimuladas a participarem ativamente do processo. Embora a proposta pareça simples e acessível, a adesão das famílias foi muito baixa. Diversos responsáveis alegaram falta de tempo para realizar a leitura com as crianças, enquanto outros sequer se lembraram da atividade. Algumas crianças retornaram com o caderno vazio, enquanto outras possuíam anotações feitas de última hora, frequentemente com narrativas inventadas apenas para "completar" o diário.

Essa situação pode indicar não só a escassez de tempo, mas também a falta de costume de leitura na família, o que torna a prática menos natural para os adultos. Além disso, o fato de algumas crianças preencherem o diário de última hora ou criarem histórias indica que, para elas, a tarefa foi percebida mais como uma obrigação escolar do que como um momento de diversão com os pais. Segundo Cagliari (2001, p.148), "A leitura é extensão da escola na vida das pessoas. A maioria do que se deve aprender na vida terá de ser conseguido através da leitura fora da escola. A leitura é uma herança maior do que qualquer diploma."

Este contexto destaca a relevância de iniciativas constantes que estimulem o valor da leitura, tanto no ambiente escolar quanto fora dele. Para que a leitura se torne, de fato, uma extensão da vida escolar, é fundamental que a instituição de ensino estabeleça uma comunicação mais estreita com as famílias. Além disso, é necessário reforçar a importância desse hábito não apenas para o desempenho acadêmico, mas para a formação completa das crianças.

Ademais, em outro dia, presenciei uma atividade lúdica que a professora aplicou com as crianças, a qual envolvia um jogo de leitura. O propósito da atividade era promover o desenvolvimento da leitura e escrita de forma divertida e interativa. Ela preparou cartões contendo palavras e os disponibilizou na sala. A turma foi dividida em equipes, onde cada uma deveria lançar um dado, executando ações específicas de acordo com cada número. Por exemplo, se o dado caísse no número 1, a criança precisava ler a palavra em voz alta; se caísse no número 2, deveria buscar uma palavra que começasse com a mesma letra de uma palavra dita pela professora, se o

número for "3", a criança tinha que ler uma palavra e fazer uma pequena frase com ela, e assim por diante.

Ao acompanhar o andamento da atividade, notei o entusiasmo das crianças. A comunicação entre elas era constante, e várias crianças se apoiaram umas às outras durante a brincadeira. Esta atividade foi eficiente para incentivar a leitura de maneira descontraída, além de fomentar a interação social e a colaboração. Usar um jogo para ensinar leitura e escrita provou ser uma estratégia eficaz para manter o interesse das crianças. Conforme Kishimoto (2004, p.27):

O jogo como promotor da aprendizagem e do desenvolvimento, passa a ser considerado nas práticas escolares como importante aliado para o ensino, já que colocar o aluno diante de situações lúdicas como jogo pode ser uma boa estratégia para aproximá-lo dos conteúdos culturais a serem veiculados na escola.

Práticas pedagógicas inovadoras revelam o impacto positivo que metodologias ativas e interativas podem ter no desenvolvimento das crianças. Tais abordagens favorecem a participação direta dos estudantes no processo de aprendizado, possibilitando que se tornem protagonistas de sua formação.

Durante uma observação na sala de informática, pude acompanhar uma atividade que integrou o uso de tecnologia com a prática de leitura e escrita. A proposta possibilitou que as crianças unissem o prazer da leitura à produção de histórias digitais, incentivando, dessa forma, sua criatividade e habilidades de escrita. Primeiramente, a docente apresentou um conto para a classe, estimulando a reflexão sobre a trama, os personagens e as lições extraídas da narrativa. Depois, as crianças foram conduzidas à sala de informática, onde usaram um programa, que permite a elaboração de histórias digitais unindo texto e ilustrações. Cada aluno foi orientado a criar sua própria história, utilizando as imagens disponíveis no programa e escrevendo um texto que refletisse a narrativa que desejavam contar. Ao longo do processo, os estudantes tiveram a oportunidade de explorar e utilizar o vocabulário aprendido, enquanto manuseavam ferramentas digitais de forma intuitiva. A interação com as imagens e o formato digital da história envolveu profundamente as crianças, permitindo-lhes expressar suas ideias de forma criativa. Ao final, as narrativas foram compartilhadas entre eles, proporcionando um momento de troca e reflexão coletiva.

O uso de ferramentas digitais não apenas facilitou o processo de criação, mas também despertou o interesse das crianças pela escrita. A vivência mostrou como a aplicação da tecnologia pode enriquecer a leitura e escrita.

No começo, o computador era percebido apenas como mais um dispositivo tecnológico, semelhante à televisão ou ao retroprojeto, usado para enriquecer as atividades pedagógicas nas instituições de ensino. A sua utilização estava restrita a funções básicas e frequentemente passivas, como a exibição de conteúdo. Contudo, com a chegada da internet, novas oportunidades surgiram e mudaram a visão do papel do computador no ambiente escolar. Esse progresso não só expandiu o uso do computador, como também transformaram a perspectiva de professores e outros profissionais da educação em relação às tecnologias (Kenski, 2012).

Coburn (1988) aponta que utilização de computadores e internet nas instituições de ensino está se tornando cada vez mais frequente, demonstrando a valorização crescente da tecnologia no campo educacional. Contudo, ele adverte que os professores precisam ter cuidado para que tais instrumentos não substituam outros métodos de aprendizado.

Ainda de acordo com o autor:

O computador é uma ferramenta rica, poderosa que está expandindo segundo recursos financeiros das escolas. Como qualquer ferramenta educacional, possui vantagens e desvantagem, é mais apropriado para algumas aplicações do que para outras, a adapta melhor a certos estilos de ensino que a outros, e não é resposta para todos os problemas educacionais, nem representa o fim do que é bom no sistema educacional (COBURN, 1988 p.08).

Para Bento e Belchior (2016), O uso das mídias digitais na educação é essencial porque a tecnologia evolui rapidamente, e os alunos já estão inseridos nesse contexto. Não se trata apenas de trazer conteúdos digitais para as aulas, mas sim de entender como essas ferramentas podem atender às necessidades dos estudantes no processo de aprendizagem. Ou seja, é importante que a tecnologia seja utilizada de forma estratégica, ajudando a tornar o ensino mais envolvente e conectado à realidade dos alunos. “Por isso concordamos que ao usá-los como ferramenta de trabalho favorece para a formação de uma geração mais atuante, presente e inovadora, que pode aprender muito mais” (Bento e Belchior 2016, p. 08).

Os autores concordam que as escolas devem usar as mídias digitais com mais frequência para tornar o ensino mais dinâmico e preparar melhor os professores para utilizá-las. Para que tanto os docentes quanto os alunos vejam a tecnologia como algo essencial na educação, é importante que as instituições incentivem seu uso e que os professores busquem sempre se atualizar sobre novas ferramentas. Quando bem

planejada, a tecnologia pode ser um grande apoio no aprendizado, ajudando a desenvolver a leitura e a escrita de forma mais interativa (Bento e Belchior, 2016).

Ao longo das minhas observações, também tive a chance de realizar entrevistas abertas com a docente em variados momentos, com o objetivo de entender sua perspectiva sobre o ensino da leitura e a aplicação de tecnologias no processo de ensino. No primeiro encontro, a entrevista ocorreu no intervalo, quando a professora compartilhou sua experiência com a alfabetização e os desafios enfrentados pelos alunos. Ela esclareceu que muitas crianças ingressam na escola com pouca familiaridade com a leitura e a escrita, demandando estratégias específicas para estimular o interesse pelo aprendizado e o processo de alfabetização. Quando questionada sobre as estratégias que emprega para promover a leitura, ela respondeu: “Procuro sempre trazer materiais variados, como livros ilustrados, textos curtos, cartões com palavras e até músicas. O importante é que as crianças tenham contato constante com a leitura em diferentes formatos.” Ademais, destacou que a rotina da sala contempla momentos de leitura em grupo e atividades interativas, tornando o processo de aprendizagem mais acessível e motivador. No entanto, ressaltou que, no período da tarde, o tempo disponível para essa tarefa é limitado, o que representa um desafio. Mesmo assim, ela busca incluir atividades que incluam a leitura sempre que possível, assegurando que as crianças tenham uma interação constante com o processo de alfabetização.

Posteriormente, ao término de uma aula, tive a oportunidade de dialogar novamente com a professora sobre os obstáculos específicos encontrados na alfabetização das crianças. Ela enfatizou que uma das maiores barreiras é a variação no nível de aprendizado entre os estudantes: “Cada criança tem um ritmo próprio. Algumas já chegam com um certo conhecimento sobre letras e sons, enquanto outras precisam começar do zero. Então, preciso adaptar as atividades para atender a todos.” Em uma outra conversa, a docente destacou a importância da tecnologia no desenvolvimento das habilidades de leitura e escrita, destacando que os estudantes exibem maior envolvimento ao usarem ferramentas digitais. Ao questionar se ela acreditava que a tecnologia poderia substituir as técnicas convencionais de alfabetização, ela ponderou: “A tecnologia deve ser um complemento, não uma substituição. As crianças precisam aprender a ler e escrever também no papel. Mas, sem dúvida, o uso do computador desperta o interesse delas e pode ser um grande aliado na aprendizagem.” Ao complementar, ela ainda abordou uma recorrente

preocupação em relação ao uso excessivo de telas pelas crianças e a falta de controle por parte das famílias. "Olha, eu percebo que muitas crianças chegam na escola com um vocabulário muito limitado, com dificuldade até para formular frases completas. Elas passam tanto tempo no celular, assistindo vídeos curtos, que acabam tendo menos contato com a fala e a interação real. Isso afeta diretamente a aprendizagem da leitura e da escrita." A professora continuou: "É complicado, porque em muitos momentos, a tecnologia, ao invés de ser uma aliada, acaba sendo um obstáculo para o desenvolvimento das crianças. Por mais que eu tente trazer atividades interessantes e motivadoras, o que eu enfrento diariamente são os 'apelos' da tela. E como você vai competir com isso? As crianças se tornam reféns dessa interação tão imediata e superficial."

A professora prosseguiu esclarecendo que, além de restringir a comunicação, o uso excessivo de telas também afeta a atenção dos estudantes: "Muitas vezes, percebo que eles têm dificuldade em manter a atenção por muito tempo em uma atividade. Estão tão acostumados com estímulos rápidos e constantes que, quando precisam focar em uma história mais longa ou em uma explicação, logo se dispersam." Perguntei se os pais demonstravam preocupação com essa questão. E a resposta foi: "Infelizmente, não vejo muita preocupação por parte das famílias. Muitos pais preferem dar o celular para a criança porque é mais fácil, porque ela fica quieta. Já tentei conversar com alguns sobre a importância de equilibrar o uso da tecnologia, mas a maioria responde com um 'é assim mesmo hoje em dia' ou 'eu também não tenho tempo para controlar'. "Eu envio recomendações, falo sobre a importância de ler com os filhos, mas muitos nem dão retorno. Alguns até dizem que as crianças não querem saber de livro, só do celular. Então, acaba sendo um desafio grande para nós, porque aqui na escola tentamos estimular o gosto pela leitura, mas, em casa, a realidade é outra." Quando perguntei o que ela acha que poderia ser feito para reverter esse cenário, a professora refletiu por um momento, e então falou de forma objetiva: "Eu acho que as escolas e os professores precisam continuar trabalhando de forma criativa e dinâmica, chamando a atenção das crianças para as atividades que exigem mais concentração. Mas é preciso também um esforço maior dos pais. Eles precisam perceber que o uso desenfreado de telas não pode substituir o contato real, a leitura e a comunicação cara a cara. Esse equilíbrio é essencial."

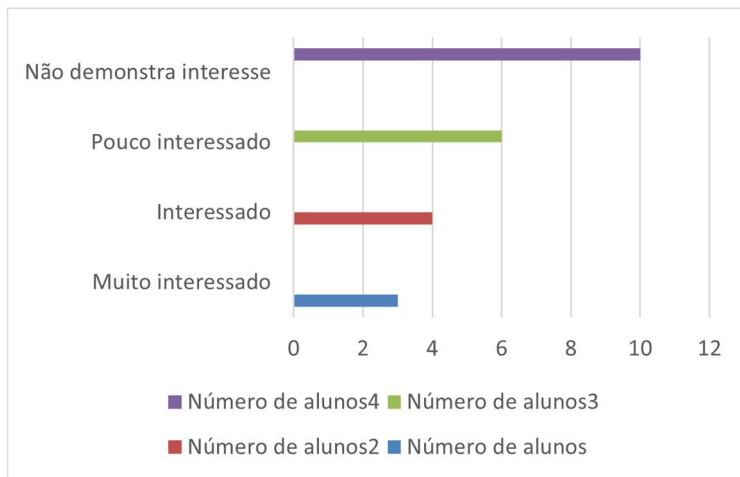
Ao organizar os materiais para a aula, a professora comentou a relevância de tornar as aulas mais interessantes para os estudantes. Ela enfatizou que as crianças

se envolvem mais quando há atividades lúdicas e interativas, ao invés de apenas exercícios convencionais de cópia e repetição. “Sempre que possível, gosto de trazer jogos, histórias ilustradas e até recursos digitais para tornar a aprendizagem mais interessante. Se eles se divertem enquanto aprendem, o processo se torna mais leve.” Quando questionada sobre o progresso dos alunos, ela respondeu: “A gente percebe quando uma criança está mais confiante ao tentar ler sozinha, quando ela começa a se arriscar mais na escrita. Isso mostra que as estratégias estão funcionando.” Além disso, ressaltou a importância do educador como mediador nesse processo, garantindo que cada aluno receba o suporte necessário para desenvolver suas habilidades. Contudo, ela destacou que esse avanço não depende apenas da escola: “A família tem um papel fundamental nesse processo. Quando os pais se envolvem, seja lendo com os filhos, ajudando nas tarefas ou simplesmente criando um ambiente estimulante para a aprendizagem, os resultados são muito melhores. A parceria entre escola e família é essencial para o sucesso da criança.”

### **3.4 Análise e contextualização dos dados**

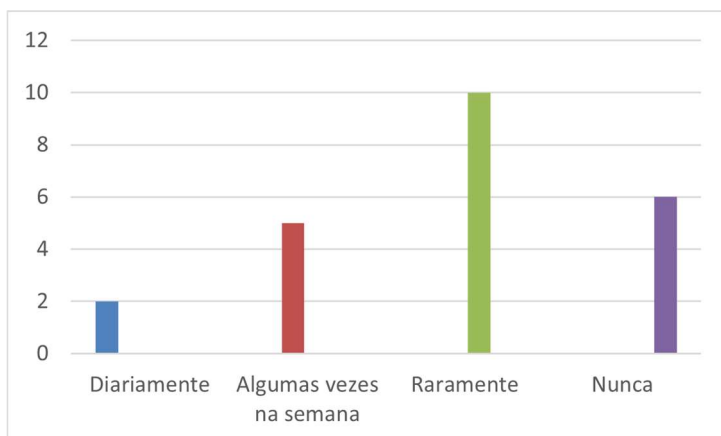
A análise dos dados coletados através do *Google Forms*, e das observações feitas em sala de aula e da conversa com a docente demonstra um entendimento aprofundado sobre o interesse das crianças pela leitura e sua relação com a tecnologia. No total, vinte e três responsáveis participaram da pesquisa, sendo dezenove mães ou pais, duas avós e uma tia, que é a responsável legal pela criança. Os dados obtidos através do Google Forms revelaram que o interesse pela leitura entre as crianças é bastante reduzido. A grande parte dos pais relatou que os filhos têm pouco ou nenhum interesse pela leitura. A frequência com que os pais leem para os filhos também é uma questão preocupante, pois a maioria dos entrevistados declarou que a leitura não é tão frequente na rotina. Conforme mostrados nos gráficos 1 e 2.

Gráfico 1- Interesse das crianças pela leitura



Fonte: Elaborada pela autora.

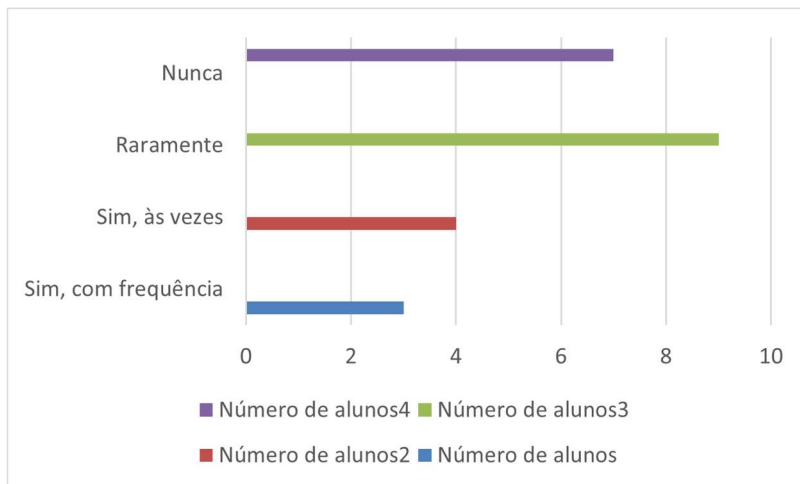
Gráfico 2- Frequência que os pais leem para os filhos



Fonte: Elaborada pela autora.

Um outro aspecto relevante é a utilização da tecnologia para a leitura. O estudo mostrou que a maior parte das crianças não utiliza aparelhos eletrônicos para ler ou aprender a ler de maneira significativa. Isso indica que, mesmo com a presença contínua da tecnologia, ela não está sendo utilizada como um recurso educativo eficiente. Conforme o gráfico 3.

Gráfico 3 – Uso de dispositivos tecnológicos para ler/aprender a ler



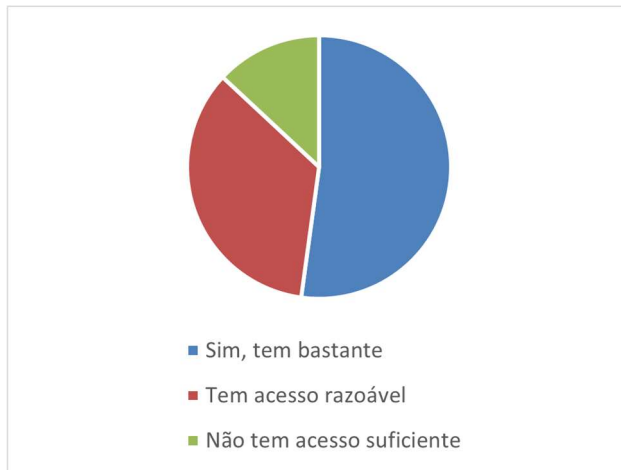
Fonte: Elaborada pela autora.

No que diz respeito ao acesso a livros, os dados mostraram que, apesar de muitos pais afirmarem que seus filhos possuem um acesso amplo a livros, ainda existe uma parcela significativa que restringe esse acesso. Alguns pais enfatizaram que o acesso é adequado, indicando que, mesmo com a presença de livros nas residências, nem sempre existe uma variedade significativa ou abundante. Isso pode espelhar a situação de muitas famílias que possuem livros, mas não necessariamente uma diversidade que satisfaça os variados interesses e idades das crianças. A escassez de livros adequados para as diversas etapas do desenvolvimento infantil pode ser um obstáculo para o incentivo à leitura.

Ademais, a classificação do acesso como "razoável" pode sugerir uma prática menos comum de comprar ou renovar os recursos de leitura, o que pode diminuir o envolvimento das crianças com os livros. Frequentemente, os pais podem negligenciar a relevância de um ambiente repleto de livros, capaz de despertar o interesse das crianças e estimulá-las a cultivar o gosto pela leitura. Isso ilustra uma realidade onde, mesmo com acesso a livros, as condições necessárias para que a leitura se torne um hábito constante e prazeroso nem sempre estão totalmente disponíveis. Isso é evidenciado no gráfico 4.

Gráfico 4 – Acesso das crianças a livros e materiais de leitura em casa

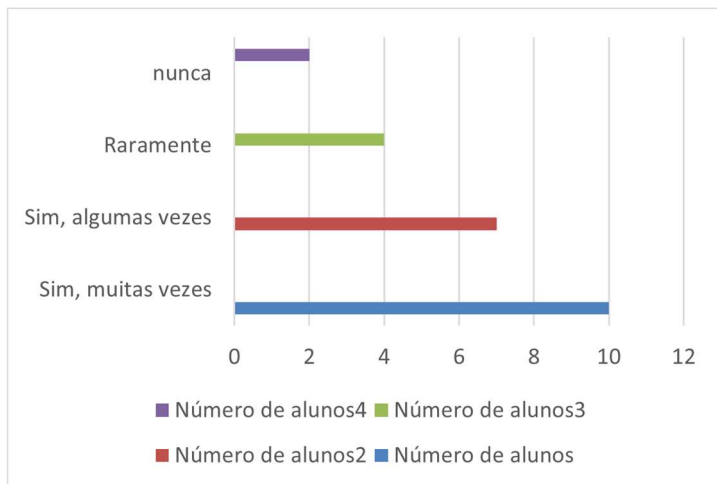




Muitos pais também perceberam que seus filhos abandonaram o hábito de ler em favor do uso de aparelhos tecnológicos, o que intensifica a competição direta entre a prática de ler e o uso de tecnologia, como mostrado no gráfico 5. Essa alteração de interesse se torna especialmente evidente quando as crianças se deparam com opções mais interativas e visuais nos aparelhos, como jogos e aplicativos, e acabam substituindo a leitura de livros por essas opções. Além disso, o acesso instantâneo a vários conteúdos, tais como vídeos e mídias sociais, acaba desviando o foco das crianças, tornando a leitura uma tarefa menos atrativa. Isso tem um impacto considerável, já que a leitura requer foco e, frequentemente, uma dedicação mais intensa, ao passo que a tecnologia proporciona estímulos rápidos e constantes. Essa desigualdade pode levar as crianças a optarem por atividades mais imediatas e de recompensa instantânea, negligenciando a leitura, especialmente quando as crianças não recebem o suporte necessário para compreender a relevância da leitura ou quando o hábito não é estimulado de maneira regular.

A tendência das crianças em trocar a leitura pela tecnologia, notada pelos pais, pode indicar a dificuldade delas em se manterem concentradas e envolvidas em uma tarefa que demanda mais tempo e esforço cognitivo. Isso ressalta a urgência em equilibrar o uso da tecnologia com atividades que incentivem o hábito de ler, para que a tecnologia não ocupe o lugar das experiências enriquecedoras que os livros podem oferecer.

Gráfico 5 – Frequência com que as crianças desistem da leitura em favor da tecnologia

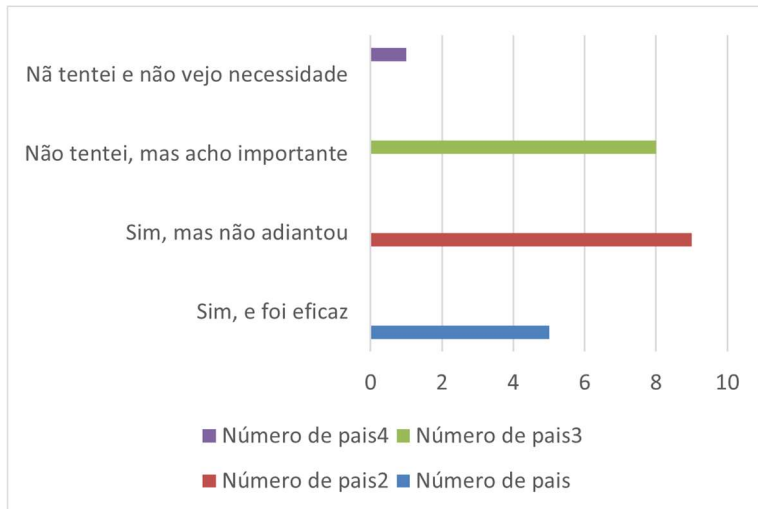


Fonte: Elaborada pela autora.

Sobre a tentativa de limitar o uso de tecnologia para estimular a leitura dos filhos revela informações importantes acerca das posturas dos pais em relação ao uso de aparelhos e ao incentivo à leitura. A grande parte dos pais afirmou que tentou restringir o uso de tecnologia, porém sem sucesso. Este dado indica que, mesmo com a conscientização sobre a necessidade de diminuir o tempo de tela para promover a leitura, muitos pais têm problemas para definir limites efetivos, principalmente devido à atração que a tecnologia exerce sobre as crianças.

Ademais, existe uma quantidade considerável de pais que, mesmo sem terem tentado restringir o uso da tecnologia, entendem a relevância dessa medida. Isso sugere que a diminuição do tempo de tela pode ser vantajosa, contudo, talvez sejam necessárias estratégias ou entendimento sobre como aplicar essas alterações de maneira eficaz. Por outro lado, alguns responsáveis relataram que conseguiram restringir o uso da tecnologia e que essa tática se mostrou eficiente. Isso ressalta que, se corretamente implementada, a diminuição do tempo de tela pode realmente incentivar o interesse das crianças pela leitura, demonstrando que é viável alcançar um equilíbrio entre a utilização da tecnologia e o incentivo à leitura. Há também um pequeno número de pais que não consideram necessário tentar limitar o uso de tecnologia, por considerarem que a interação das crianças com os aparelhos não representa um obstáculo ao desenvolvimento da leitura. Conforme o gráfico 6.

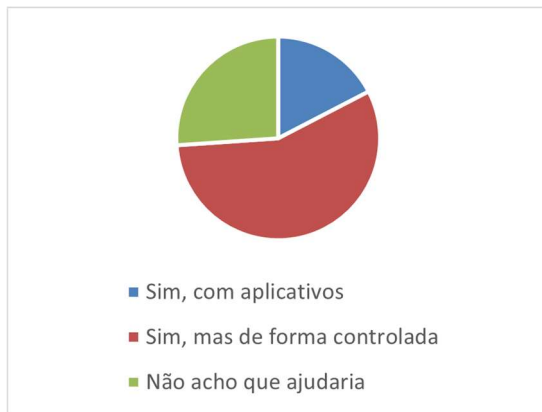
Gráfico 6 – Tentativas de limitar o uso de tecnologia para estimular a leitura



Fonte: Elaborada pela autora.

Os dados ainda revelaram que, apesar das preocupações sobre a distração que os aparelhos podem provocar, muitos pais enxergam um potencial positivo no uso da tecnologia para promover a leitura. A maioria dos pais considera que, se empregada de maneira equilibrada e controlada, a tecnologia pode ser um recurso valioso no processo de aprendizado e incentivo à leitura. Vários propuseram que a utilização de aplicativos de leitura, livros digitais e plataformas educacionais poderia tornar a leitura mais atrativa para os pequenos, principalmente em um cenário onde eles estão cada vez mais envolvidos com o mundo digital. No entanto, vale ressaltar que a maioria dos pais destacou a importância de um uso moderado da tecnologia. Eles entendem que, apesar dos aparelhos digitais poderem favorecer o gosto pela leitura, é crucial definir limites para prevenir que se transformem em uma fonte de distrações excessivas. Portanto, o uso equilibrado da tecnologia pode enriquecer as práticas tradicionais de leitura, sem substituir o valor das experiências mais profundas oferecidas pelos livros impressos. Esta perspectiva mostra uma abordagem mais consciente, que procura incorporar os benefícios da tecnologia sem prejudicar a capacidade de concentração e o prazer pela leitura. Contudo, uma parcela considerável acredita que o uso de aparelhos digitais não ajuda nesse processo. Estes pais expressaram a visão de que a tecnologia pode, de fato, ser um entrave ao progresso da leitura, desviando a atenção das crianças e fazendo com que elas se distraiam mais facilmente com jogos e aplicativos, ao invés de se dedicarem à leitura. Conforme o gráfico 7.

Gráfico 7 – A tecnologia pode incentivar o gosto pela leitura



Fonte: Elaborada pela autora.

As observações realizadas em sala de aula corroboraram os resultados da pesquisa, evidenciando que, apesar de as crianças não terem acesso a dispositivos digitais dentro da escola (exceto na sala de informática), aquelas que apresentavam maior familiaridade com a tecnologia em casa geralmente demonstravam mais distrações durante as atividades de leitura. A entrevista aberta com a professora também forneceu uma visão crucial sobre o efeito da tecnologia nas práticas de ensino e os obstáculos encontrados no ambiente escolar. Ela enfatizou que o desafio de manter as crianças concentradas na leitura está fortemente associado ao uso excessivo de tecnologia fora do contexto escolar, o que tem provocado distrações durante as tarefas de leitura. A docente notou que, apesar de a tecnologia, como livros digitais e aplicativos, poder atrair a atenção de algumas crianças, frequentemente acaba servindo mais como um meio de entretenimento do que como um recurso de ensino. Ela também reconheceu que, quando bem aplicada, a tecnologia pode ser uma estratégia eficaz para despertar o interesse das crianças pela leitura. Contudo, destacou a importância de estabelecer um equilíbrio entre a utilização de tecnologias e os métodos convencionais de ensino da leitura. Adicionalmente, a docente enfatizou a necessidade de envolver mais as famílias nesse processo, já que a leitura cotidiana em casa pode incrementar consideravelmente o interesse dos pequenos pela leitura, o que favorece o aprendizado escolar.

Diante da crescente influência das telas no processo de aprendizagem, especialmente para crianças do 1º ano, é fundamental que estratégias pedagógicas sejam adotadas para equilibrar o uso da tecnologia e promover o desenvolvimento da leitura. Uma das principais abordagens é integrar de forma harmoniosa ferramentas

digitais, como livros digitais e aplicativos educacionais, com métodos convencionais de leitura, tais como, o manuseio de livros físicos e atividades lúdicas que incluam a escrita e a narração de histórias.

Além disso, é essencial estabelecer momentos nos quais as crianças possam se desligar dos aparelhos para experimentar experiências de leitura mais envolventes e profundas. Atividades como rodas de leitura, encenações e jogos linguísticos podem ser extremamente eficientes para manter o interesse e a participação das crianças. Também é fundamental envolver as famílias, incentivando a leitura diária em casa e estabelecendo um ambiente familiar que estimule o gosto pela leitura, enquanto se impõem limites ao uso de telas.

Por fim, as instituições de ensino podem investir em programas de conscientização voltados tanto para os professores quanto para os pais, com o objetivo de conscientizá-los sobre a relevância de equilibrar o tempo gasto na tela com a atividade de leitura. Portanto, ao empregar a tecnologia de maneira controlada e integrada a métodos pedagógicos eficientes, conseguimos não apenas atrair as crianças para o mundo da leitura, mas também manter o foco, a atenção e o entusiasmo pela leitura, aprimorando competências cruciais para o seu aprendizado e desenvolvimento.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho reflete a importância de compreender o impacto da tecnologia, especialmente do uso de telas, no processo de desenvolvimento e aquisição da leitura, principalmente no 1º ano do ensino fundamental. A investigação e as observações feitas em sala de aula demonstram a complexidade deste assunto, destacando tanto os benefícios quanto os obstáculos do uso da tecnologia no ambiente educativo.

Embora a tecnologia possa ser uma ferramenta eficaz para envolver as crianças, particularmente através de livros digitais e aplicativos educativos, a pesquisa indicou que seu uso excessivo pode provocar distrações que prejudicam a concentração delas nas tarefas de leitura. A disputa direta entre a utilização de aparelhos eletrônicos e a apreciação pela leitura de livros impressos é um desafio em ascensão que demanda a implementação de estratégias pedagógicas que incorporem a tecnologia de forma controlada e equilibrada.

A pesquisa também destacou o papel fundamental das famílias nesse processo, sendo crucial envolver os responsáveis na construção de um ambiente que incentive o hábito de ler, seja no ambiente escolar ou fora dele. A prática regular de leitura em casa, com o suporte familiar, pode ter um impacto significativo no aprimoramento da compreensão leitora e no estímulo ao apreço pela leitura.

O papel do educador, a colaboração das famílias e a adaptação dos recursos pedagógicos são fatores determinantes para o sucesso no processo de incentivo à leitura, garantindo que as crianças desenvolvam não apenas habilidades de leitura, mas também uma relação saudável e duradoura com a leitura e o conhecimento.

São formadores e podem transformar os hábitos e as atitudes dos pequenos, tornando-os leitores, seres que possam ver o mundo numa perspectiva diferente e que sejam conscientes, lendo as linhas nas entrelinhas e o texto no contexto. (Peres, 2009, p. 11-12).

Assim, este trabalho propõe, um exame mais atento e sistemático sobre o efeito desses novos instrumentos digitais, particularmente do uso de telas, e propõe que as práticas de ensino sejam continuamente avaliadas e ajustadas, com o objetivo de fomentar uma educação que capacite as crianças para os desafios do século XXI, sem negligenciar as habilidades e os processos de leitura e escrita, fundamentais para o seu desenvolvimento completo.

Por fim, conclui-se que a adoção de estratégias pedagógicas interativas e acessíveis, aliadas ao envolvimento familiar e ao uso consciente da tecnologia, é essencial para despertar o interesse das crianças e minimizar os impactos negativos do excesso de telas.

## REFERÊNCIAS

- ABREU, Márcia (org.). **Leitura, história e história da leitura**. Campinas/SP: Mercado de Letras, 1999.
- ANTUNES, Celso. **Novas maneiras de ensinar, novas formas de aprender**. Porto Alegre: Artmed, 2002.
- BAMBERG, Richard. **Como incentivar o hábito da leitura**. São Paulo: Ática. 1987.
- BARBOSA, José Juvêncio. **Alfabetização e leitura**. São Paulo: Cortez, 1990.
- BENTO, Luciana.; BELCHIOR, Gerlaine. Mídia e educação: o uso das tecnologias em sala de aula. **Revista de Pesquisa Interdisciplinar**, Cajazeiras, v. 1, Ed. Especial, 2016. Disponível em: <https://cfp.revistas.ufcg.edu.br>. Acesso em: 08 nov. 2024
- BLEGER, José. **Temas de Psicologia: entrevistas e grupos**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.
- BRASIL. Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares. **Brain Rot: excesso de conteúdos curtos e superficiais afeta a saúde mental**. Brasília: MEC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/ebserh/pt-br/hospitais-universitarios/regiao-sudeste/hu-ufscar/comunicacao/noticias/brain-rot-excesso-de-conteudos-curtos-e-superficiais-afeta-a-saude-mental>. Acesso em: 10 fev. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Sancionada lei que restringe uso de celulares nas escolas**. Brasília: MEC, 2025. Disponível em: <https://www.gov.br/mec/pt-br/assuntos/noticias/2025/janeiro/sancionada-lei-que-restringe-uso-de-celulares-nas-escolas>. Acesso em: 25 jan. 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC, 2018.
- BRITO, Danielle. A IMPORTÂNCIA DA LEITURA NA FORMAÇÃO SOCIAL DO INDIVÍDUO. **REVELA - Periódico de Divulgação Científica da FALS**. Ano IV - Nº VIII- JUN / 2010. Disponível em: [https://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/Artigo4\\_ed08.pdf](https://fals.com.br/novofals/revela/REVELA%20XVII/Artigo4_ed08.pdf). Acesso em: 06 jan. 2025.
- CAGLIARI, Luiz C. **Alfabetização e Linguística**. 10. ed. São Paulo: Scipione, 2001.
- CARVALHO, Marlene. **Alfabetizar e letrar: um diálogo entre a teoria e a prática**. Petrópolis: Vozes, 2005.
- \_\_\_\_\_. **Guia prático do alfabetizador**. 5. Ed. São Paulo: Ática, 2007
- CETIC.BR. **Cetic.br publica dados inéditos sobre o uso de tecnologias digitais por crianças brasileiras de até 8 anos**. 2025. Disponível em: <https://www.cgi.br/noticia/releases/cetic-br-publica-dados-ineditos-sobre-o-uso-de-tecnologias-digitais-por-criancas-brasileiras-de-ate-8-anos/>. Acesso em: 13 fev. 2025.



CEARÁ. Diana Vasconcelos. Secretaria da Saúde. **Hábito da leitura previne doenças e auxilia no tratamento de pacientes, dizem especialistas**. 2022. Disponível em: <https://www.saude.ce.gov.br/2022/03/18/habito-da-leitura-previne-doencas-e-auxilia-no-tratamento-de-pacientes-dizem-especialistas/>. Acesso em: 12 jan. 2025.

COBURN, Peter. **Informática na educação**. São Paulo: Ed. Limitada, 1988.

COSSON, Rildo. **Círculos de Leitura e Letramento Literário**. São Paulo: Editora Contexto, 2009.

COUTINHO, Marília de Lucena. Psicogênese da língua escrita: o que é? Como intervir em cada uma das hipóteses? Uma conversa entre professores. In: **Alfabetização: Apropriação do Sistema de Escrita Alfabética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005. p. 47-70.

CULLINAN, Bernice. **Brincando de ler histórias**. São Paulo: Tâmis, 2001.

CUNHA, Maria Antonieta Antunes. **Literatura infantil: teoria e prática**. 18. ed. São Paulo: Ática, 1999.

FELIX, Paula. **Novos estudos revelam os graves impactos do uso de celulares por crianças**. 2024. Disponível em: <https://veja.abril.com.br/saude/novos-estudos-revelam-os-graves-impactos-do-uso-de-celulares-por-criancas>. Acesso em: 10 jan. 2025.

FERRAREZI, Celso; CARVALHO, Robson S de. **De alunos a leitores: o Ensino da Leitura na Educação Básica**. 1. ed. São Paulo: Parábola Editorial, 2017.

FONSECA, João José Saraiva da. **Metodologia da pesquisa científica**. Fortaleza: UEE, 2002.

GROSSI, Gabriel Pillar. **Leitura e sustentabilidade**. Nova Escola, São Paulo, SP, n° 18, p. 3, abr. 2008.

KATZ, Leslie. **"Brain Rot"**: palavra do ano do Oxford define nosso tempo focado nas telas. 2024. Disponível em: <https://forbes.com.br/carreira/2024/12/palavra-do-ano-de-oxford-brain-rot-define-nosso-tempo-focado-nas-telas/>. Acesso em: 10 nov. 2025.

KENSKI, Vani Moreira. **Educação e Tecnologias: o novo ritmo da informação**. 8ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2012.

KISHIMOTO, Tizuko Morchida. **Jogos Infantis: o jogo, a criança e a educação**. 12ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2004.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. **A formação da leitura no Brasil**. São Paulo: Unesp, 2019.

LINS, Livia Carvalho Teixeira. História da Leitura. **Revista Educação Pública**, Rio de Janeiro, v. 20, nº 5, 2020. Disponível em: <https://educacaopublica.cecierj.edu.br/artigos/20/5/historia-da-leitura>. Acesso em: 10 dez. 2024

MELO, Rosineide de; ROJO, Roxane Helena Rodrigues. A arquitetônica bakhtiniana e os multiletramentos. In: NASCIMENTO, Elvira Lopes; ROJO, Roxane Helena Rodrigues (org.). **GÊNEROS de texto/discurso e os desafios da contemporaneidade**. 2. ed. Campinas: Pontes Editores, 2016. p. 250.

ORTIZ, Juliana; SANCHES, Simone; FONTES, Maria Alice. **O desafio da leitura**. 6ª ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 2018.

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. Departamento de Educação Básica. **Diretrizes Curriculares de Educação Básica: Língua Portuguesa e Literatura**. Curitiba: SEED, 2008.

PERES, Giani. Contar Histórias: Professor-contador contribui para a aprendizagem dos alunos. **Revista do Professor**, Rio Pardo, v.99, p. 10-12, 2009. Disponível em: <https://www.saberes.com.brcongresso.saltocontarhistoria.profagianieperes.pdf>. Acesso em: 06 dez. 2024.

RIBEIRO, Antonio Lima. **Gestão de Pessoas** – São Paulo: Saraiva, 2006.

SANT'ANNA, Affonso Romano de. O leitor, onde está o leitor? Ou a crise da escassez e do excesso. **Revista Muitas Vozes**, Ponta Grossa, v. 1, p. 65-80, 2012. Disponível em: <https://revistas.uepg.br.pdf>. Acesso em: 11 jan. 2025.

SANTOS, Acácia Aparecida Angeli dos; BORUCHOVITCH, Evely; OLIVEIRA, Katya L. de (org.). **Cloze: um instrumento de diagnóstico e intervenção**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2009.

SOARES, Magda. **Letramento: um tema em três gêneros**. Belo Horizonte: Autêntica, 1998.

VEIGA, Ilma Passos. **Repensando a didática**. Campinas: Papirus, 1989

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO ELETRÔNICO APLICADO AOS PAIS

### QUESTIONÁRIO

#### Hábitos de Leitura da Criança

**1. Como você descreveria o interesse do seu filho(a) pela leitura?**

( ) Muito interessado(a) ( ) Interessado(a) ( ) Pouco interessado(a) ( ) Não demonstra interesse

**2. Seu filho(a) tem o hábito de escolher livros para ler ou ouvir histórias?**

( ) Sim ( ) Não

**3. Quais tipos de materiais de leitura seu filho(a) tem acesso em casa?**

---

**4. Você acredita que seu filho(a) tem acesso suficiente a livros e materiais de leitura em casa?**

( ) Sim, bastante ( ) Tem acesso razoável ( ) Não tem acesso

**5. Seu filho(a) tem acesso a livros de diferentes gêneros, como contos, histórias em quadrinhos, livros informativos, etc.?**

( ) Sim, tem acesso a diversos gêneros ( ) Tem acesso a alguns gêneros ( ) Não tem acesso a diferentes gêneros

**6. Qual é a reação do seu filho(a) ao ler ou ouvir uma história?**

( ) Fica muito empolgado(a) ( ) Fica interessado(a), mas perde o foco facilmente ( ) Não demonstra muito interesse

**7. Você acredita que a leitura ajuda no desenvolvimento de outras habilidades do seu filho(a)?**

( ) Sim, bastante ( ) Sim, um pouco ( ) Não acredito que tenha impacto significativo

#### Envolvimento da Família na Leitura

**8. Com que frequência você lê para o seu filho(a)?**

( ) Sim, muitas vezes ( ) Sim, algumas vezes ( ) Raramente ( ) Nunca

**9. Você costuma estabelecer um horário ou rotina específica para a leitura em casa?**

( ) Sim ( ) Não

**10. Você costuma conversar com seu filho(a) sobre o que ele(a) leu na escola? Como essas conversas acontecem?**

---

**11. Na sua opinião, qual é o maior desafio para incentivar a leitura do seu filho(a) em casa?**

---

**12. Quais estratégias você utiliza para incentivar a leitura do seu filho(a)?**

---

**13. Você já levou seu filho(a) para a biblioteca ou livraria? Como ele(a) reagiu a essa visita?**

---

#### **Impacto da Tecnologia na Leitura**

**14. Você percebe que seu filho(a) utiliza tecnologia (computador, tablet, celular) para ler ou aprender a ler?**

( ☐ ) Sim, com frequência   ( ☐ ) Sim, as vezes   ( ☐ ) Raramente   ( ☐ ) Nunca

**15. Você já percebeu seu filho(a) desistir de ler por estar mais interessado(a) em um jogo ou aplicativo no celular?**

( ☐ ) Sim, muitas vezes   ( ☐ ) Sim, algumas vezes   ( ☐ ) Raramente   ( ☐ ) Nunca

**16. Você já tentou limitar o uso de tecnologia para estimular a leitura?**

( ☐ ) Sim, e foi eficaz   ( ☐ ) Sim, mas não adiantou   ( ☐ ) Não tentei, mas acho importante  
( ☐ ) Não tentei e não vejo necessidade

**17. Você acha que a tecnologia poderia ser utilizada de forma a incentivar o gosto pela leitura do seu filho(a)?**

( ☐ ) Sim, por meio de aplicativos ou livros digitais   ( ☐ ) Sim, mas moderadamente   ( ☐ ) Não acho

**18. Quanto tempo seu filho(a) utiliza dispositivos tecnológicos, como celular, tablet ou computador, por dia?**

( ☐ ) Menos de 1 hora   ( ☐ ) 1 a 2 horas   ( ☐ ) 3 a 4 horas   ( ☐ ) Mais de 4 horas

**Papel da Escola no Desenvolvimento da Leitura**

**19. Você acha que a escola tem incentivado a leitura de forma eficaz?**

( ) Sim, muito ( ) Sim, razoavelmente ( ) Não, poderia ser melhor ( ) Não sei

**20. De que maneira você acredita que a escola pode envolver mais as famílias no processo de desenvolvimento da leitura das crianças?**

---

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DE ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA**

### **Experiência e desafios na alfabetização**

1. Como a senhora avalia a entrada das crianças na escola em relação à leitura e à escrita?
2. Quais são os principais desafios enfrentados no processo de alfabetização?
3. Que estratégias são utilizadas para estimular o interesse das crianças pela leitura?

### **Metodologias e recursos utilizados**

4. Como a leitura é trabalhada na rotina da sala de aula?
5. Que materiais e atividades são mais eficazes para o desenvolvimento da leitura e escrita?
6. Qual é o impacto das atividades lúdicas e interativas no aprendizado das crianças?

### **Papel da tecnologia na alfabetização**

7. Como a senhora enxerga o uso da tecnologia no desenvolvimento da leitura e escrita?
8. Quais recursos digitais são utilizados em sala de aula para apoiar esse processo?
9. A tecnologia pode substituir as técnicas convencionais de alfabetização? Por quê?

### **Impactos do uso excessivo de telas**

10. A senhora percebe alguma influência do uso excessivo de telas no desenvolvimento das crianças?
11. De que forma o contato prolongado com dispositivos eletrônicos afeta a leitura e escrita?
12. Como a atenção e a comunicação das crianças são impactadas pelo uso da tecnologia?

### **Envolvimento das famílias no processo de leitura**

13. Os pais demonstram preocupação com o excesso de telas e a leitura dos filhos?
14. Como a senhora avalia a participação das famílias no incentivo à leitura?

15. Que medidas poderiam ser adotadas para aumentar o engajamento das famílias nesse processo?

**Reflexões e sugestões**

16. Qual seria a solução ideal para equilibrar o uso da tecnologia e o incentivo à leitura?

17. O que a escola e os professores podem fazer para despertar maior interesse das crianças pela leitura?

18. Gostaria de acrescentar alguma outra observação sobre o tema?